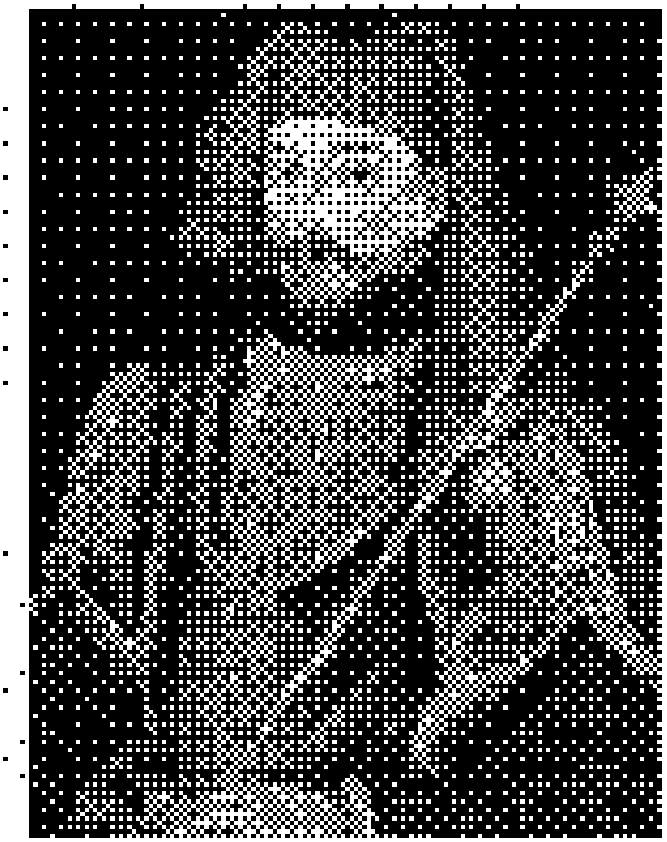
HENRIQUE IV

Parte II



SHAKESPEARE

Ridendo Castigat Mores

Henrique IV (Parte II)
William Shakespeare

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

Copyright:
Autor: William Shakespeare
Tradução: Carlos A. Nunes
Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores
www.jahr.org
“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

HENRIQUE IV
— Parte II —

William Shakespeare

—

ÍNDICE

PERSONAGENS — 6

INTRODUÇÃO — 8

ATO I
Cena I — 10
Cena II — 20
Cena III — 33

ATO II
Cena I — 38
Cena II — 49
Cena III — 59
Cena IV — 63

ATO III
Cena I — 83
Cena II — 88

ATO IV
Cena I — 106
Cena II — 116
Cena III — 123
Cena IV — 130
Cena V — 137

ATO V
Cena I — 148
Cena II — 153
Cena III — 160
Cena IV — 168
Cena V — 171

EPÍLOGO — 177

PERSONAGENS

O RUMOR, apresentador da peça.
REI HENRIQUE IV.
HENRIQUE, Príncipe de Gales, depois Henrique V, seu filho.
TOMAS, Duque de Clarence, seu filho.
JOÃO DE LENCASTRE, seu filho
HUMPHREY DE GLOSTER.
CONDE DE WARWICK, partidário do rei.
CONDE DE WESTMORELAND, partidário do rei.
CONDE DE SURREY, partidário do rei.
GOWER, partidário do rei.
HARCOURT, partidário do rei.
BLUNT, partidário do rei.
LORDE GRANDE JUIZ, do Tribunal do Rei.
Um oficial do Lorde Juiz.
RICARDO SCROOP, Arcebispo de York, adversário do rei.
LORDE MOWBRAY, adversário do rei.
LORDE HASTINGS, adversário do rei.
LORDE BARDOLFO, adversário do rei.
SIR JOHN COLEVILE, adversário do rei.
TRAVERS e **MORTON**, criados de Northumberland.
SIR JOHN FALSTAFF.

Seu pajem.
BARDOLFO.
PISTOLA.
POINS.
PETO.
SHALLOW e **SILÊNCIO**, juizes rurais.
DAVY, criado de Shallow.
Mofado, Sombra, Verruga, Fraco e Bezerro, recrutas.
Garra e Cilada, oficiais do xerife.
Um porteiro.
Um dançarino, locutor do epílogo.
LADY NORTHUMBERLAND.
LADY PERCY.
Mistress Quickly, estalajadeira em Eastcheap.
Doll Tearsheet.
Fidalgos, oficiais, soldados, mensageiros, moços de taberna, beleguins, lacaios, etc.

INTRODUÇÃO

Warkworth; diante do castelo de Northumberland. Entra o Rumor, com vestes em que se vêem pintadas muitas línguas.

RUMOR — Abri os ouvidos! Quem quer pôr entraves à passagem dos sons, ao vir falar-vos o Rumor barulhento? De este a oeste, valendo-me do vento como posta, relato o que se passa nesta bola terrestre. Em minha língua sempre se acham imposturas, que em todos os idiomas eu anuncio, enchendo de mentiras os ouvidos dos homens. Falo apenas de paz, quando a fingida hostilidade, sob o riso tranqüilo, o mundo talha. Quem, se não eu, quem mais, se não o Rumor, bandos reúne medrosos, faz defesas, enquanto a época, inchada de outros males, passa por estar grávida de Marte, quando tal não se dá? O Rumor é flauta de conjeturas, ciúmes e suspeitas, instrumento tão simples e tão fácil, que o monstro rude de cem mil cabeças, a ondeante multidão, sempre indecisa, pode tocá-lo. Mas, por que meu corpo tão conhecido dissecar na frente dos próprios familiares? Qual a causa de encontrar-se o

Rumor aqui nesta hora? Corro mais que a vitória do Rei Harry que nos campos sangrentos de Shrewsbury venceu o moço Hotspur e seus guerreiros, as chamas apagando da orgulhosa rebelião com o sangue dos rebeldes. Mas por que dizer isso? Meu ofício é contar que caiu Harry Monmouth sob o gládio feroz do nobre Hotspur e que o rei, ante a cólera de Douglas, até à morte inclinou a fronte ungida. Foi isso que espalhei pelas aldeias, desde o campo de lutas de Shrewsbury até esta fortaleza carcomida em que finge estar doente o velho pai de Hotspur, Northumberland. Cansados, os correios se sucedem, não contando eles mais do que as notícias que aprenderam comigo. Pelas línguas do Rumor chegam ledos e ligeiros, mais fatais do que males verdadeiros.

(*Sai.*)

ATO I

CENA I

Warkworth; diante do castelo de Northumberland. Entra Lorde Bardolfo.

LORDE BARDOLFO — Quem é o porteiro aqui?

(*O porteiro abre o portão.*)

Onde está o conde?

PORTEIRO — A quem devo anunciar?

LORDE BARDOLFO — Dá-lhe a notícia de que Lorde Bardolfo o está esperando.

PORTEIRO — Sua Excelência se encontra no jardim; se Vossa Honra quiser bater à porta, ele mesmo abrirá.

(*Entra Northumberland.*)

LORDE BARDOLFO — Vem vindo o conde.

(*Sai o porteiro.*)

NORTHUMBERLAND — Lorde Bardolfo, que notícias? Cada minuto agora engendra um fato grave. Os tempos são difíceis; a discórdia, qual cavalo de trato primoroso, insana, o freio perde e, à sua passagem, derruba quanto encontra.

LORDE BARDOLFO — Nobre conde, trago-vos certas novas de Shrewsbury.

NORTHUMBERLAND — Boas, se Deus quiser.

LORDE BARDOLFO — Como as deseja o coração: o rei se acha ferido mortalmente e, na glória de milorde vosso filho, foi morto o Príncipe Harry; às mãos de Douglas os dois Blunts morreram; Westmoreland e João, o jovem príncipe, com Stafford a batalha abandonaram; o roliço chumaço de Monmouth, Sir John, caiu nas mãos de vosso filho. Dia assim, disputado e tão bem ganho, nunca o tempo exornou com tanto lustre, desde as glórias de César.

NORTHUMBERLAND — Quem vos disse? Vistes o campo? Viestes de Shrewsbury?

LORDE BARDOLFO — Falei, milorde, com alguém que veio justamente de lá, um gentil-homem de bom sangue e alto nome, que a notícia como certa me deu sem que eu o pedisse.

NORTHUMBERLAND — Ai vem meu criado Travers, que eu mandei na última terça-feira a colher novas.

LORDE BARDOLFO — Alcancei-o, milorde, no caminho; não traz maior certeza do que quanto pudesse ter ouvido de meus lábios.

(*Entra Travers.*)

NORTHUMBERLAND — Que boas novas, Travers, vêm convosco?

TRAVERS — Milorde, Sir John Umfrevile fez-me voltar da estrada com notícias ótimas; porque melhor montado, ultrapassou-me. Depois dele, a esporear com todo o empenho, veio um fidalgo, morto de fadiga, que ao meu lado estacou para ao cavalo sangrento dar descanso. Perguntou-me pela estrada de Chester; dele soube notícias certas de Shrewsbury; disse que a rebelião não tinha tido sorte e que o esporão de Percy estava frio. Com isso, as rédeas larga ao bruto altivo e, inclinando-se, enterra o armado salto nos flancos palpitantes do coitado, té o botão da roseta. Desse modo, partiu sem falar mais, só parecendo que tragava o caminho.

NORTHUMBERLAND — Ah! Novamente: frio estava o esporão de Henrique Percy? Em vez de Esporão-quente, Esporão-frio? Que a rebelião tivera sorte adversa?

LORDE BARDOLFO — Milorde, ouvi-me: se milorde moço, vosso filho, a vitória não obteve, pela minha honra, troco a baronia por um laço de fita. Não falemos mais nisso.

NORTHUMBERLAND — Então por que esse gentil-homem, que por Travers passou, disse isso tudo?

LORDE BARDOLFO — Esse tal? Com certeza algum medroso que roubara o cavalo e que falava por falar. Eis notícias mais recentes.

(*Entra Morton.*)

NORTHUMBERLAND — Sim, a fronte deste homem, como a capa de certos livros, fala de tragédia. É esse o aspecto da praia em que a ressaca deixou a marca do império incontrastável. Fala, Morton: vens vindo de Shrewsbury?

MORTON — Sim, meu nobre senhor, vim de Shrewsbury, onde a Morte terrível pôs a máscara mais feia que possuía para o nosso partido amedrontar.

NORTHUMBERLAND — Como se encontram meu filho e meu irmão? Tremes; mais apta que tua língua, a palidez do rosto me diz o teu recado. Um mensageiro como tu, já sem forças, alquebrado, no olhar a Morte, louco de infortúnio,

a cortina de Príamo, nas horas mortas da noite, descerrou, querendo dar-lhe a notícia de que Tróia ardia pela metade. Mas o fogo Príamo encontrou antes que ele a língua achasse, e a morte do meu Percy eu, sem que fales. Dir-me-ias: “Vosso filho fez tais atos; vosso irmão outros tais: o nobre Douglas assim lutou”, enchendo-me os ouvidos vorazes com seus feitos audaciosos. Mas no fim, entupindo-os de verdade, com um suspiro esfarias os encômios, para finalizares: “Filho, irmão, todos morreram”.

MORTON — Douglas ainda vive, bem como vosso irmão. Quanto a milorde vosso filho...

NORTHUMBERLAND — Ah! morreu! Vede que língua pronta tem a suspeita. Quem receia algo que conhecer lhe infunde medo, lê nos olhos dos outros, por instinto, se deu justamente o que receava. Agora fala, Morton; dize ao conde que seu pressentimento é mentiroso, e eu terei esse insulto por brinquedo, sobre tornar-te rico pela ofensa.

MORTON — Sois muito grande para eu contestar-vos; fiel, o pressentimento; o medo, justo.

NORTHUMBERLAND — Mas, apesar de tudo, não me venhas revelar que Harry Percy já não vive. Estranha confissão leio em teus olhos; abanas a cabeça, parecendo-te medo ou falta

contar toda a verdade. Se morreu, conta-o; não ofende a língua que sua morte anuncia; erra somente quem calunia um morto, não quem fala para dizer que o morto não tem vida. Contudo, o portador de infaustas novas exerce um triste ofício; sua fala ressoa como dobre de finados que a perda de um amigo nos recorda.

LORDE BARDOLFO — Não posso crer, milorde, que morresse.

MORTON — Dói-me ter de obrigar-vos a dar crédito ao que não desejara — Deus o sabe — jamais ter visto. Mas estes meus olhos o viram dessangrado, revidando, quase sem força e alento, os feros golpes de Harry Monmouth, cuja incontida cólera fez o invencível Percy vir ao solo de onde, vivo, não mais devia alçar-se. Em suma, a morte de Harry Percy — cujo espírito animava os mais remissos — logo que foi sabida, o ardor e o fogo gelou dos mais dispostos de sua tropa. Ao partido o seu aço dava a têmpera; morto ele, a ser o que eram todos voltam: chumbo por demais rombo e assaz pesado. E como as coisas que em si mesmas pesam, quando forçadas, voam mais velozes, nossos homens, com a perda de Harry Percy, tão leves se tornaram pelo medo, que, semelhos à flecha, quando a mira procura, desertaram da batalha, só cuidando de pôr a vida a salvo. Foi então que o nobre Worcester deixou-se aprisionar e que esse escocês louco, Douglas

sangrento, cuja espada excelsa três espectros do rei já havia morto, sentiu baquear-lhe o peito e honrou a vergonha dos que volviam costas, sendo preso na fuga, ao tropeçar de puro medo. O rei venceu, em suma, e a vosso encontro, milorde, já enviou forças ligeiras, à testa das quais vêm João de Lencastre e Westmoreland. Eis todas as notícias.

NORTHUMBERLAND — Para chorar, o tempo há de sobrar-me. O veneno é remédio; essas notícias, que, se eu bom estivesse, mal fariam, doente, de certo modo, me curaram. E tal como o infeliz, de juntas fracas pela febre, qual mola que se encurva sob o peso da vida, e que num rasgo de furor, como o fogo, se liberta dos braços do enfermeiro: assim meus membros, de dor enfraquecidos e furiosos, são três vezes o que eram. Fora, fora, muleta inútil! E a manopla dura de escamas de aço que, daqui por diante, vai servir-me de luva. Fora, gorro de doente! És proteção muito irrisória para a cabeça que visar costumam príncipes altanados. Minha fronte cingi de ferro, e que a hora se aproxime mais funesta que o tempo e o sofrimento possam trazer para ameaçar o iroso Northumberland. Que a terra e o céu se beijem! Que a mão da natureza não detenha mais as ondas selvagens! A ordem morra! Deixe o mundo de ser, daqui por diante, um palco em que as contendas se sucedem com atos enfadonhos! Que no peito de todos reine o

espírito somente do primogênito Caim, que os faça ávidos só de sangue, porque o drama brutal possa chegar ao termo exato e o coveiro dos mortos seja a Noite.

TRAVERS — Essa emoção, milorde, vos faz mal.

LORDE BARDOLFO — Um, meu caro conde, a honra à prudência.

MORTON — A vida das pessoas que vos seguem pende de vossas forças. Entregando-vos desse modo às paixões, é inevitável que cedo elas decaiam. Calculastes, meu nobre lorde, as conseqüências todas desta guerra e pesastes seus azares antes de à frente dela vos postardes. Conjeturastes, certo, a sós convosco, que, na distribuição dos golpes, vosso filho talvez morresse. Bem sabíeis que ele andava por cima dos perigos, numa crista, da qual era provável que viesse a despenhar-se, sem transpô-la. Sabíeis que não era invulnerável sua carne aos ataques e que o nobre caráter o impelia aos mores riscos. Contudo, o incentivastes: Vai! Nenhuma dessas razões tão fortes deter pode vossa obstinada ação. Que é que de estranho sucedeu? Que gerou a audaz empresa se não o que era justo se previsse?

LORDE BARDOLFO — Quantos nos enredamos nesta perda, sabíamos que o mar que

navegávamos fervilhava de escolhos e que tínhamos uma em dez ocasiões de nos salvarmos. Todavia, arriscamos, que a esperança da glória compensava a expectativa do perigo provável. Já que fomos derrotados, tentemos novamente. Vamos! Joguemos tudo: os bens e os corpos!

MORTON — É mais que tempo. Nobre e alto senhor, sei de fonte segura, e a nova posso secundar, que o valente Bispo de York se levantou com tropas bem munidas. É um homem que com dupla segurança prende e liga os adeptos do partido. Milorde vosso filho só dispunha de corpos; meras sombras, aparências de homens para lutar, porque o vocábulo "rebelião" lhes trazia dissociados a alma e o corpo; com náuseas e forçados é que lutavam, como quem ingere poção. De nosso lado apenas tínhamos suas armas, porque as almas, à palavra "rebelião", se tornaram congeladas como peixes no tanque. Mas o bispo transforma a insurreição em religião. Porque honesto e de santos pensamentos, de alma e corpo é seguido, e, ademais, sabe fortalecer a causa que defende com o sangue de Ricardo, o bom, raspado das pedras de Pomfret; do céu deriva seus princípios e a causa da revolta, propondo-se livrar a infeliz terra que geme sob o grande Bolingbroke. Os grandes e os pequenos se lhe agregam.

NORTHUMBERLAND — Já o sabia; contudo, a falar franco, fizera-me esquecê-lo a dor de agora. Ficai comigo e aconselhai-me a via mais segura da glória e da vingança. Expedi cartas; conquistai amigos; nunca são por demais nestes perigos.

(*Saem.*)

CENA II

Londres. Uma rua. Entra Sir John Falstaff, seguido de um pajem que traz o escudo e a espada dele.

FALSTAFF — Olá, gigante, que disse o doutor de minhas águas?

PAJEM — Disse, senhor, que, em si mesmas, as águas eram boas e sadias, mas que a pessoa a que pertenciam devia ter mais doenças do que ele suspeitava.

FALSTAFF — Homens de toda a espécie encontram prazer em zombar de mim. O cérebro desse estúpido composto de argila que se denomina homem não é capaz de inventar coisa alguma que provoque o riso, além do que eu invento ou do que se inventa a meu respeito; não somente sou espirituoso por mim mesmo, como também a causa de que outros venham a ter espírito. Andando deste modo diante de ti, pareço uma porca que houvesse esmagado todos os leitões, com exceção a um. Se o príncipe não te pôs a meu serviço apenas para que eu sobressaísse pelo contraste, é que careço

completamente de juízo. Filho espúrio da mandrágora, ficarias melhor espetado no meu chapéu do que me seguindo os calcanhares. Nunca tive, até hoje, uma ágata; mas não é por isso que vou encastoar-vos em ouro ou prata, se não em trajos pífios, para devolver-vos a vosso patrão, como jóia de valor; sim, vosso patrão, o príncipe, esse juvenal de queixo ainda desprovido de penugem. O que eu digo é que primeiro me nascerá barba na palma das mãos do que a ele no queixo. No entanto, não tem escrúpulo de afirmar que possui cara real. Deus lhe dará à cara a última demão, quando bem lhe aprouver, que não se perderá com isso nenhum pelo. Diga ele o que quiser; mas nessa cara real o barbeiro não ganhará nunca seis pences. No entanto, assume sempre uns ares de importância, como se já passasse por homem no tempo em que seu pai ainda era solteiro. Pois que fique com a sua graça, que na minha é que ele não mais se encontra, posso assegurar-lhe. Que disse mestre Dombledon a respeito do cetim para o meu manto curto e meus calções?

PAJEM — Disse, senhor, que era necessário aval melhor do que o de Bardolfo; recusa tanto as letras deste como as vossas; considera-as pouco seguras.

FALSTAFF — Pois que seja condenado como o glutão rico, e que a língua se lhe torne ainda mais

quente! Miserável Arquitofel! Velhaco das dúzias! Fazer esperar a um gentil-homem, para, no fim, pedir fiança! Esses malditos carecas, agora só usam sapatos altos e molho de chaves na cintura, e quando alguém lhes compra honestamente alguma coisa, emperram nas fianças. Preferira que me enchessem a boca com pó de matar rato a taparem-na com as tais fianças. Por ser eu fidalgo de verdade, estava certo de que me mandaria vinte e duas jardas de cetim; e, ao invés disso, me envia pedido de fianças! Bem; que durma em paz, visto possuir o corno da abundância, através do qual brilha a ligeireza de sua mulher. No entanto, não vê nada, muito embora tenha sua própria lanterna para alumiá-lo. Onde está Bardolfo?

PAJEM — Foi a Smithfield, a fim de comprar um cavalo para Vossa Senhoria.

FALSTAFF — Comprei-o em São Paulo, e ele vai comprar-me um cavalo em Smithfield! Se me fosse possível, ao menos, arranjar uma mulher num alcouce, ficaria servido, montado e casado.

(*Entram o Lorde Grande Juiz e um beleguim.*)

PAJEM — Senhor, aí vem o nobre que prendeu o príncipe, quando este bateu nele por causa de Bardolfo.

FALSTAFF — Fica perto de mim; não quero vê-lo.

LORDE JUIZ — Quem é aquele que vai ali?

BELEGUIM — Com licença de Vossa Senhoria, é Falstaff.

LORDE JUIZ — O que foi processado por causa do roubo?

BELEGUIM — Esse mesmo, milorde; mas depois disso prestou bons serviços em Shrewsbury e, segundo ouvi dizer, vai agora em missão junto a Lorde João de Lencastre.

LORDE JUIZ — Como! A York? Chamai-o.

BELEGUIM — Sir John Falstaff!

FALSTAFF — Rapaz, dize-lhe que eu sou surdo.

PAJEM — Falai mais alto; meu amo é surdo.

LORDE JUIZ — Acredito-o; para ouvir notícia boa. Puxa-o pelo cotovelo; preciso falar-lhe.

BELEGUIM — Sir John!

FALSTAFF — Como! Tão moço e já mendigando? Porventura não há guerra? não há emprego? não necessita de súditos o rei e de soldados os rebeldes? Embora só não seja vergonhoso pertencer a um dos partidos, é mais vergonhoso mendigar do que ficar do lado pior, por pior que possa conter-se no nome “rebelião”.

BELEGUIM — Enganais-vos a meu respeito, senhor.

FALSTAFF — Como, senhor? Acaso eu disse que sois um homem honesto? Pondo de parte a minha qualidade de cavaleiro e de soldado, seria um mentiroso de marca, se houvesse afirmado semelhante coisa.

BELEGUIM — Pois bem, senhor: ponde de lado vossa qualidade de cavaleiro e de soldado e permiti que vos declare que não passais de um mentiroso de marca, se afirmais que eu não sou um homem honesto.

FALSTAFF — Eu, dar-te permissão para me dizeres isso? Pôr de lado o que faz parte de mim mesmo? Se o obtiveres de mim semelhante licença, quero que me enforques, e se vieres a consegui-la, melhor te valeria ser enforcado. Fora daqui, sabujo! Toca!

BELEGUIM — Senhor, milorde deseja falar-vos.

LORDE JUIZ — Sir John Falstaff, uma palavra.

FALSTAFF — Meu bom lorde! Deus conceda a Vossa Senhoria um bom dia. Alegra-me imenso ver a Vossa Senhoria aqui fora; tinha ouvido dizer que Vossa Senhoria estava doente; espero que

Vossa Senhoria saísse por indicação do médico. Porque, embora não se possa dizer que Vossa Senhoria já não seja moço, é certo que se ressente do sabor dos anos, algo picante da salmoura do tempo; por isso rogo humildemente a Vossa Senhoria cuidar da saúde com o máximo respeito.

LORDE JUIZ — Sir John, eu vos mandei intimar antes de vossa expedição a Shrewsbury.

FALSTAFF — Com licença de Vossa Senhoria, ouvi dizer que Sua Majestade voltou indisposto do país de Gales.

LORDE JUIZ — Não estou falando agora de Sua Majestade; não atendestes à minha intimação.

FALSTAFF — Além disso, ouvi dizer que Sua Alteza ficou também atacado dessa infame apoplexia.

LORDE JUIZ — Bem; o céu dará remédio a isso. Mas permiti que vos fale, por obséquio.

FALSTAFF — Essa apoplexia, no meu fraco pensar, é uma espécie de letargia, com licença de Vossa Senhoria; uma espécie de adormecimento no sangue, uma zoeira dos demônios.

LORDE JUIZ — Mas a que vem isso, afinal? Seja ela o que for.

FALSTAFF — Provém de tristezas, do estudo e de perturbações do cérebro. Li em Galeno a causa de seus efeitos: é uma espécie de surdez.

LORDE JUIZ — Acho que é disso que estais sofrendo, porque não ouvis o que vos falo.

FALSTAFF — Perfeitamente, milorde, perfeitamente; mas, com vossa licença, o que me aflige mais é a doença de não escutar, de não prestar atenção.

LORDE JUIZ — Um castigo nos calcanhares faria melhorar essa desatenção dos ouvidos; não se me dava de ser o vosso médico.

FALSTAFF — Sou tão pobre quanto Jó, milorde, porém não tão paciente; para a minha pobreza, Vossa Senhoria poderá ministrar a mezinha da prisão; mas, quanto ao sabermos se eu teria paciência para seguir as vossas prescrições, é ponto sobre o qual os sábios podem alimentar uma dracma de escrúpulos, ou, ainda, um escrópulo inteiro.

LORDE JUIZ — Mandei chamar-vos para falar-me, quando pendiam sobre vós acusações de importância vital.

FALSTAFF — E eu, seguindo nisso o parecer do meu advogado, que é muito entendido nas leis do país, não compareci.

LORDE JUIZ — Bem; mas a verdade, Sir John, é que viveis em grande relaxamento.

FALSTAFF — Quem afivela um cinto do tamanho do meu, não pode viver com menos.

LORDE JUIZ — Vossos meios são escassos e os gastos excessivos.

FALSTAFF — Quisera que fosse o inverso: os meios, maiores, e o desgaste, insignificante.

LORDE JUIZ — Desencaminhastes o jovem príncipe.

FALSTAFF — Foi o jovem príncipe que me desencaminhou; eu sou o homem de ventre volumoso e ele o meu cão.

LORDE JUIZ — Bem; não quero reabrir uma ferida que acabou de cicatrizar; vossos feitos do dia de Shrewsbury douraram, de algum modo, as façanhas noturnas de Gadshill; podeis agradecer à inquietação da época a quietude com que tudo isso terminou.

FALSTAFF — Milorde!

LORDE JUIZ — Mas, uma vez que tudo está bem, acomodai-vos; não desperteis o lobo que dorme.

FALSTAFF — Despertar um lobo é tão ruim como cheirar uma raposa.

LORDE JUIZ — Sois uma vela, cuja parte melhor já se gastou.

FALSTAFF — Uma vela de festa, milorde; toda de sebo, infelizmente. Fosse ela de cera de minha fabricação, não pararia de crescer.

LORDE JUIZ — Todos esses fios brancos da barba deveriam dar testemunho de vossa gravidade.

FALSTAFF — Gravidade, gravidade, peso...

LORDE JUIZ — A todas as partes seguis o príncipe como seu anjo ruim.

FALSTAFF — Não é bem isso, milorde; vosso anjo ruim é leve demais; mas penso que basta verem-me para me aceitarem sem pesar-me; mas, ainda assim, concordo que, sob certos aspectos, não posso entrar em circulação. Nesta época de verdureiros, a virtude é tão pouco acatada, que o valor legítimo se tornou guardador de ursos; o engenho virou taberneiro, malgastando em contas a agudeza de espírito; os demais dotes do homem, do jeito que os deforma a corrupção do século, não valem uma groselha. Os velhos como vós, não percebem as faculdades que nós, moços, possuímos; calculais o valor de nosso fígado pelo

amargor de vossa bile; e nós, que nos encontramos na vanguarda da mocidade, forçoso será confessar, somos por vezes bem marotos.

LORDE JUIZ — Inscreveis o vosso nome na lista da juventude, assinalado, como o estais, com os caracteres da velhice? Não tendes olhos úmidos, mãos secas, faces descoradas, barba branca, pernas cada vez mais curtas, ventre a aumentar sempre de volume? Não tendes a voz entrecortada, o fôlego curto, o queixo duplo, o espírito simples, todas as vossas faculdades, em suma, estragadas pelo tempo? E apesar de tudo, vos chamais de jovem. Ora, Sir John!

FALSTAFF — Milorde, eu nasci por volta das três horas da tarde com a cabeça branca e o ventre um tanto crescido. Quanto à minha voz, estraguei-a à força de cantar no coro. Não vos apresentarei outras provas de minha juventude; a verdade é que eu só sou velho no juízo e no entendimento; quem quiser apostar cabriolas comigo, por mil marcos, é só passar-me o dinheiro e cuidar de si. Quanto à bofetada que vos deu o príncipe, deu-a como príncipe grosseiro, e vós a recebestes como lorde sensível. Repreendi-o por esse ato, penitenciando-se o leãozinho do que fez, não, evidentemente, entre cilício e cinzas, mas com vestes novas de seda e xerez velho.

LORDE JUIZ — Que Deus conceda ao príncipe um companheiro melhor!

FALSTAFF — Que Deus conceda ao companheiro um príncipe melhor! Não posso livrar-me dele.

LORDE JUIZ — Bem; o rei já vos separou do Príncipe Harry. Ouvi dizer que seguis com Lorde João de Lencastre contra o arcebispo e o Conde de Northumberland.

FALSTAFF — Sim, graças ao vosso amável e delicioso espírito. Todos os que beijais em casa a milady Paz, rezai para que os nossos exércitos não se encontrem em dia muito quente, porque só trouxe comigo duas camisas, não pretendendo suar muito. Se tal se der em um dia quente e eu brandir alguma coisa além de minha garrafa, não quero cuspir branco nunca mais. Não pode aparecer um caso perigoso, sem que me joguem no meio. Está certo: não hei de durar eternamente; mas é sestro velho de nossa nação inglesa banalizar o que tem de bom. Mas, uma vez que insistis em dizer que eu já estou velho, deveríeis arranjar meios de eu descansar. Prouvesse Deus que meu nome fosse menos temido do inimigo. Preferira que a ferrugem me gastasse a ver-me reduzido a nada por um movimento perpétuo.

LORDE JUIZ — Bem; sede honesto; sede honesto; e que Deus abençoe vossa expedição.

FALSTAFF — Vossa Senhoria não estaria disposto a emprestar-me mil libras para o meu equipamento?

LORDE JUIZ — Nem um pêni! Nem um pêni! Mostrais-vos muito pressuroso em carregar os cruzados. Passai bem; recomendai-me ao primo Westmoreland.

(*Saem o Lorde Grande Juiz e o beleguim*)

FALSTAFF — Se o fizer, que me achatem a marretadas. É tão impossível a um mortal separar a velhice da avareza, como da luxúria a mocidade; a gota atormenta uma e o mal gálico belisca outra, motivo por que ambas dispensam a minha maldição. Rapaz!

PAJEM — Senhor!

FALSTAFF — Quanto dinheiro há na bolsa?

PAJEM — Sete vinténs e dois pences.

FALSTAFF — Não posso encontrar remédio para a consumpção da bolsa; pedir emprestado só serve de paliativo, que o mal é incurável. Leva esta carta para milorde de Lencastre; esta outra para o príncipe; esta para o Conde de Westmoreland, e esta para a velha Mistress

Ursula, a quem todas as semanas juro desposar, desde que percebi o primeiro fio branco em minha barba. Toca! Já sabes onde encontrar-me. (*Sai o pajem.*) Que o mal gálico leve a esta gota, ou esta gota ao mal gálico! Ambos se divertem no dedão de meus pés. Não importa; se eu mancar, a guerra servirá de pretexto; assim, a minha pensão parecerá mais justa. Quem tem cabeça, aproveita tudo; vou tirar partido das doenças.

CENA III

York. Um quarto no palácio do arcebispo. Entram o arcebispo de York e Lordes Mowbray, Bardolfo e Hastings.

ARCEBISPO — Conheceis nossa causa e nossos meios. Nobres amigos, peço-vos dizer-me francamente o que achais de nossos planos. O Lorde Marechal fale primeiro.

MOWBRAY — Convenho com as razões de nossas armas, mas desejara que se me explicasse como, com nossos meios, poderemos olhar com fronte altiva e assaz possante para a força e o poder do soberano.

HASTINGS — Nossa revista revelou que temos vinte e cinco mil homens escolhidos, sem se meter em conta que do grande Northumberland nos chegarão reforços, pois seu peito se abrasa com as injúrias recebidas.

LORDE BARDOLFO — O caso, pois, Lorde Hastings, se reduz a saber se os vinte e cinco mil homens poderão lutar sem ele.

HASTINGS — Com ele, poderemos.

LORDE BARDOLFO — Eis a dúvida. Mas, se sem ele nos julgarmos fracos, penso que não devemos ir mais longe antes de vir o auxílio que esperamos, pois num plano de face tão sangrenta não cabem conjeturas, aparências ou espera de reforços duvidosos.

ARCEBISPO — Tendes razão, Lorde Bardolfo; deu-se isso mesmo em Shrewsbury, com Hotspur.

LORDE BARDOLFO — Sim, milorde; entupiu-se de esperanças, comendo o ar de promessas de socorros; lisonjeou-se com a idéia de um reforço menor que o mais modesto dos seus sonhos; e assim, com sua grande fantasia, própria de louco, os seus levou à morte, jogando-se no abismo sem ver nada.

HASTINGS — Perdão! Não vejo mal em desejarmos o plausível e em termos esperanças.

LORDE BARDOLFO — Como não há? Em guerra desta espécie, dado o primeiro passo, a ação premente, ter esperança é estar contando com esses botões que a primavera deita cedo, produzindo menor expectativa de virem a dar fruto do que medo de mordidas da geada. Quando vamos construir, estudamos o terreno, traçamos o modelo, e ao contemplarmos o desenho da casa é que fazemos o cálculo do custo da obra toda. Se

vemos que ultrapassa nossos meios, que fazemos, se não traçar um plano menos custoso, ou mesmo pôr de lado a idéia de construir? Principalmente nesta obra gigantesca, em que se trata de derrubar um reino e de erguer outro, devemos estudar bem o terreno da situação, rever todo o modelo, acordar na questão dos alicerces, falar com o construtor, pesar os meios, ver se estes são idôneos e capazes de contrabalançar os do inimigo. De outro modo, é ser forte em algarismos e no papel, é usar apenas nomes em lugar de seus donos, como aquele que concebesse o plano de uma casa sem pensar nos recursos e a largasse por terminar, deixando a parte feita com tanto custo às lágrimas das nuvens e à tirania rústica do inverno.

HASTINGS — Dado que nossos sonhos tão risonhos morram no nascedouro e que tenhamos o último homem que fora de esperar, penso que, como estamos, poderemos medir-nos com as forças do monarca.

LORDE BARDOLFO — Como! Só conta o rei com vinte e cinco mil homens, porventura?

HASTINGS — Contra nós, apenas isso; não, nem tanto, Lorde Bardolfo, que suas forças, nestes tempos de tumulto, em três corpos se partiram: contra os franceses, um; contra Glendower, o segundo; forçoso é que um terceiro

destine contra nós. Desta arte o débil rei se divide em três, só ressoando seus cofres com o vazio da penúria.

ARCEBISPO — Não é de recear que ele reuna num só corpo suas forças divididas e venha contra nós.

HASTINGS — Se tal fizer, desguarnece as espáduas, com os franceses e os galeses ladrando-lhe no rasto. Disso não vos temais.

LORDE BARDOLFO — Quem poderia vir contra nós à frente de suas forças?

HASTINGS — Westmoreland e o Duque de Lencastre; ele próprio e Monmouth, contra os galeses, mas não tenho notícias muito certas de quem vai contra a França.

ARCEBISPO — Avante, pois! Demos a conhecer nossos motivos. E por própria eleição que o Estado sofre; seu muito ávido amor se mostra farto. Casa vertiginosa e pouco firme tem quem constrói no coração da plebe. Ó cega multidão! Com que atroadores aplausos abençoaste Bolingbroke antes dele tornar-se o que querias que fosse! E ora que se acha acomodado segundo os teus desejos, tão saciado, glutão bestial, te mostras, que provocas irritação com o fim de vomitá-lo. Assim, povo canino, de teu ventre insaciável lançaste o Rei Ricardo, e

agora desejaras novamente comer o corpo morto que expeliste, chamando-o com teus ladros. Tempo ingrato! Os que queriam ver Ricardo morto, quando ele ainda vivia, estão agora de sua sepultura enamorados. Tu que lançaste terra em sua cabeça, quando ele, a suspirar, atravessava Londres altiva, no soberbo rasto de Bolingbroke, gritas agora: “Ó terra! restitui-nos aquele rei, toma este!” O pensamento de malditos: o que é, não tem valor; só ao que foi e há de ser se vota amor!

MOWBRAY — Reunimos nossos homens? Partiremos?

HASTINGS — Somos filhos do tempo; não paremos.

(*Saem.*)

ATO II

CENA I

Uma rua de Londres. Entram Mistress Quickly, Garra e seu criado, seguidos de Cilada.

ESTALAJADEIRA — Entrastes com a ação em juízo. mestre Garra?

GARRA — Perfeitamente.

ESTALAJADEIRA — Onde está vosso oficial? É sujeito de confiança? Não baqueará antes do tempo?

GARRA — Olá! Onde está Cilada?

ESTALAJADEIRA — Oh, senhor! O bom mestre Cilada!

CILADA — Aqui estou! Aqui estou!

GARRA — Cilada, temos de prender Sir John Falstaff.

ESTALAJADEIRA — Sim, bom mestre Cilada, intentamos-lhe uma ação completa.

CILADA — Pode bem dar-se que uns tantos tenhamos de perder a vida, que é certo fazer ele uso do punhal.

ESTALAJADEIRA — Que dia! Tomai cuidado! Apunhalou-me em minha própria casa e de maneira mais brutal. Uma vez arrancada a arma, não mede as conseqüências; dá botes que nem o diabo, sem perdoar homem, mulher ou criança.

GARRA — Uma vez grudado com ele, pouco me importam seus botes.

ESTALAJADEIRA — Nem eu, tampouco; ficarei perto, para ajudar.

GARRA — Se chegar a dar-lhe ao menos um murro... Se ele me cair nas unhas...

ESTALAJADEIRA — Sua partida me arruina. Asseguro-vos que a conta dele, aqui em casa, não tem fim. Bom mestre Garra, segurai-o firme; bom mestre Cilada, cuidado, não o deixeis escapar. Ele vem sempre a Pie-Corner — com licença do vosso respeito — comprar sela, e está agora invitado a jantar na “Cabeça de Leopardo”, à Rua de Lumbert, com mestre Smooth, comerciante de seda. Pelo amor de Deus, uma vez que a minha ação já deu entrada e que todo o mundo sabe do

meu caso, obrigai-o a prestar contas. Cem marcos é muita coisa para uma mulher sozinha. No entanto, eu agüentei, agüentei, agüentei; e ele foi adiando, adiando, de um dia para outro, que dá vergonha só em recordá-lo. Isso não é sério, a menos que se faça da mulher um asno, um animal para suportar os mal-feitos de qualquer maroto. Ali vem ele, acompanhado do consumado velhaco de nariz de malvasia, o tal de Bardolfo. Cumpri vosso ofício, mestre Garra e mestre Cilada; cumpri-me vosso ofício.

(*Entram Sir John Falstaff, o pajem e Bardolfo.*)

FALSTAFF — Então? De quem era a mula que morreu? Que novidades há?

GARRA — Sir John, eu vos detenho a requerimento de mistress Quickly.

FALSTAFF — Para trás, canalha! Saca da espada, Bardolfo! Corta-me a cabeça a esse velhaco! Atira essa bruaca no canal!

ESTALAJADEIRA — Atirar-me ao canal? Eu é que vou atirar-te ao canal, bastardo imundo. Experimenta, experimenta! Homicídio! Homicídio! Velhaco assassino, pretendes matar os oficiais de Deus e do rei? És um assassino, um matador de homens e de mulheres.

FALSTAFF — Espalha essa canalha, Bardolfo.

GARRA — Socorro! Socorro!

ESTALAJADEIRA — Boa gente, ajudem aqui... Uma ou duas pessoas... Ah! é assim? Não queres, não? Toma, velhaco; toma, assassino.

FALSTAFF — Desafasta, lava-pratos! Víbora! coisa à-toa! se não queres que te faça cócegas na catástrofe.

(*Entra o Lorde Grande Juiz com seu séquito.*)

LORDE JUIZ — Que aconteceu? Quietos, eh!

ESTALAJADEIRA — Meu bom senhor, sede-me favorável; ficai do meu lado, por compaixão.

LORDE JUIZ — Então, Sir John! Aqui nesta algazarra? Condiz isso com vosso tempo e cargo, com vossa posição? Na estrada de York é que há muito devíeis de encontrar-vos.

ESTALAJADEIRA — Oh meu muito venerável lorde, com licença de Vossa Graça, eu sou uma pobre viúva de Eastcheap, e ele está detido a meu requerimento.

LORDE JUIZ — E quanto é a soma que ele deve?

ESTALAJADEIRA — É mais do que soma, milorde; é tudo junto, tudo o que eu tenho. Devorou-me com a casa e os bens; pôs toda a

minha substância naquele ventre enxundioso. Mas hei de recuperar alguma coisa; se não, hei de cavalgar-te, como pesadelo, todas as noites.

FALSTAFF — Eu é que poderia montar na mula, se tivesse a vantagem do terreno.

LORDE JUIZ — Que significa isso, Sir John! Que vergonha! Que homem honesto suportaria semelhante tempestade de exclamações? Não vos envergonhais de obrigar uma pobre viúva a recorrer a meios tão ásperos para recuperar o que lhe pertence?

FALSTAFF — Quanto te devo ao todo, afinal?

ESTALAJADEIRA — Por minha alma, se fosses homem de bem, confessarias que me deves tua pessoa e mais o dinheiro que me pediste. Juraste-me sobre uma taça meio dourada, sentado no meu quarto do Delfim, na mesa redonda, ao pé de um bom fogo de carvão, numa quarta-feira de Pentecostes, quando o príncipe te quebrou a cabeça por haveres comparado seu pai a um cantor de Windsor — não juraste, quando eu te lavava a ferida, que haverias de casar comigo e fazer-me milady tua esposa? Atreves-te a negá-lo? Não entrou nesse momento a boa Keech, mulher do açougueiro, e não me tratou ela de comadre Quickly? Não veio ela pedir-me um pouco de vinagre, dizendo que tinha um bom prato de camarões; e não desejaste comer alguns,

tendo eu dito não ser bom para ferida aberta? E não me disseste, quando ela desceu as escadas, que eu não devia mostrar-me familiar com gente baixa, acrescentando que dentro de pouco tempo me chamariam madame? E não me beijaste, então, pedindo que te fosse buscar trinta xelins? Vamos; avivo-te agora o juramento; nega-o, se fores capaz.

FALSTAFF — Milorde, esta pobre mulher é louca; anda espalhando pela cidade que o seu filho mais velho se parece convosco. Já esteve bem; mas a verdade é que a pobreza a deixou avariada das idéias. No que respeita a estes oficiais imbecis, peço-vos que me deixeis desagravar-me.

LORDE JUIZ — Sir John, Sir John, conheço perfeitamente vosso costume de torcer a boa causa pelo mau caminho. Não há de ser um semblante confiado, nem esse chorrilho de palavras que deixais escapar com descaramento mais que impudente, que me farão quebrar a serenidade. Parece-me claro que abusastes do espírito crédulo desta mulher, levando-a a servir-vos com a bolsa e com a pessoa.

ESTALAJADEIRA — É isso mesmo, milorde.

LORDE JUIZ — Caluda! Pagai o que lhe deveis, e reparai a vilania que lhe fizestes; uma

coisa, poderá ser feita com moeda corrente; a outra, com arrependimento sincero.

FALSTAFF — Milorde, não deixarei passar sem protesto semelhante repreensão. Chamais de descaro impudente a franqueza honrada. Para vós é virtuoso todo indivíduo que se desmancha em mesuras e não vos objeta coisa alguma. Não, milorde; sem me olvidar de meu humilde dever, não vos falarei como suplicante; digo-vos apenas que preciso ficar livre destes oficiais, porque me encontro em missão urgente, da parte de Sua Majestade.

LORDE JUIZ — Falais como se tivésseis poder para fazer o mal; mas respondei de acordo com vosso caráter e satisfazei a essa pobre mulher.

FALSTAFF — Vem aqui, estalajadeira.

(*Chama-a à parte.*)

(*Entra Gower.*)

LORDE JUIZ — Então, mestre Gower! Que novidades há?

GOWER — O rei, milorde, e o Príncipe de Gales estão perto; o restante a carta o diz.

(*Entrega uma carta.*)

FALSTAFF — Pela minha qualidade de gentil-homem!

ESTALAJADEIRA — Isso mesmo já o dissestes outras vezes.

FALSTAFF — Palavra de cavaleiro! Vamos, não falemos mais nisso.

ESTALAJADEIRA — Por este chão celeste em que eu piso, vejo-me forçada a empenhar toda a minha baixela de prata e os tapetes das salas de jantar.

FALSTAFF — Copos, copos, é só do que se necessita para beber! Quanto às paredes, qualquer coisa engraçada, ou a história do filho pródigo, ou a caçada alemã em aquarela valem mais do que mil dessas cortinas de cama ou desses tapetes comidos de moscas. Que sejam dez libras, se te for possível. Vamos, tirando o teu gênio, não há mulher tão boa como tu em toda a Inglaterra. Vai lavar o rosto e retirar a queixa. Vamos, não te aborreças comigo. Não me conheces? Vamos, vamos; sei bem que foste insinuada.

ESTALAJADEIRA — Por favor, Sir John, vinte nobres não bastariam? Juro que me custa empenhar as minhas pratas; por Deus!

FALSTAFF — Então não falemos mais nisso; saberei arranjar-me; és a tonta de sempre.

ESTALAJADEIRA — Pois hei de obter essa importância, ainda que tenha de empenhar a própria roupa. Penso que viestes para cear. Pagar-me-eis tudo junto, não é verdade?

FALSTAFF — Viverei? (*A Bardolfo.*) Vai com ela! Vai com ela! Não a deixes!

ESTALAJADEIRA — Quereis que eu convide Doll Tearsheet para a ceia?

FALSTAFF — Nem mais uma palavra; que venha.

(*Saem mistress Quickly, Bardolfo, oficiais e o pajem.*)

LORDE JUIZ — Ouvi melhores notícias.

FALSTAFF — Quais são, meu bom lorde?

LORDE JUIZ — Onde dormiu o rei a última noite?

GOWER — Em Barsingstoke, milorde.

FALSTAFF — Espero, milorde, que tudo esteja bem; quais são as notícias, milorde?

LORDE JUIZ — Todas as suas forças já voltaram?

GOWER — Mil e quinhentos peões e mais quinhentos de cavalo seguiram para unir-se às forças de milorde de Lencastre, contra Northumberland e o bispo de York.

FALSTAFF — Volta o rei ao país de Gales, meu nobre lorde?

LORDE JUIZ — Breve entregar-vos-ei algumas cartas. Vinde comigo, meu bom mestre Gower.

FALSTAFF — Milorde!

LORDE JUIZ — Que é que há?

FALSTAFF — Mestre Gower, poderei convidar-vos para cear comigo?

GOWER — Tenho de aguardar aqui as ordens de meu bom lorde. Muito obrigado, meu bom Sir John.

LORDE JUIZ — Sir John, perdeis muito tempo por aqui, visto estardes incumbido de recrutar soldados nos condados por que passardes.

FALSTAFF — Quereis cear comigo, mestre Gower?

LORDE JUIZ — Qual foi o tonto que vos ensinou essas maneiras, Sir John.

FALSTAFF — Mestre Gower, se elas não me vão bem, é que foi um tonto quem mas ensinou. A perfeita graça da esgrima, milorde, consiste nisto: elas por elas, e ao se separarem, os amigos de sempre.

LORDE JUIZ — Que o Senhor te ilumine! És um grande louco.

(*Saem.*)

CENA II

Londres. Outra rua. Entram o príncipe e Poins.

PRÍNCIPE — Podes crer que me sinto cansado a mais não poder.

POINS — Chegou a esse ponto? Sempre pensei que o cansaço não ousasse ligar-se a pessoa de tão alto sangue.

PRÍNCIPE — No entanto, é o que se dá comigo, embora confessá-lo faça empalidecer a minha grandeza. Não é sinal de vulgaridade, em mim, ter vontade de beber cerveja fraca?

POINS — Não se concebe um príncipe com educação negligente a esse ponto, para lembrar-se, sequer, de composição tão mesquinha.

PRÍNCIPE — É que, com certeza, o meu apetite não é de natureza real, pois não me sai da idéia essa pobre criatura, a cerveja fraca. Em verdade, essas considerações humildes me fazem detestar a própria grandeza. Que desgraça é para mim lembrar-me de teu nome, ou ter de ver

amanhã o teu rosto, ou observar quantos pares de meia de seda possuis, a saber, essas aí e as que já foram de cor de pêssego; ou fazer o inventário de tuas camisas, mais ou menos deste jeito: uma no corpo e uma sobressalente... Nesse ponto o guarda do campo de tênis é ainda mais bem informado do que eu, porque quando empunhas uma raqueta é que andas em maré baixa de roupa, o que há muito tempo não se dá, por terem os países-baixos achado jeito de consumir a tua holanda. Só Deus sabe se chegarão a herdar o teu reino os que andam a berrar nas ruínas de tua roupa branca. Aliás, dizem as parteiras que as crianças não têm culpa; e com isso o mundo se povoa e a parentela se fortalece cada vez mais.

POINS — Como vos fica mal falar tanta futilidade depois de haverdes trabalhado com tanto afinco! Dizei-me, quantos jovens príncipes fariam o que fazeis, se tivessem os pais no estado em que se encontra o vosso?

PRÍNCIPE — Queres que te diga uma coisa, Poins?

POINS — Sim, com tal que seja algo excelente.

PRÍNCIPE — Será adequado para entendimentos do alcance do teu.

POINS — Pois que venha; agüentarei de pé firme o que disserdes.

PRÍNCIPE — Pois digo-te que não fica bem mostrar-me triste com a doença de meu pai, conquanto pudesse assegurar-te como a alguém a quem me apraz, em falta de melhor, chamar de amigo — que estou, de fato, bem triste, bem triste mesmo.

POINS — Ninguém acreditará que seja por essa causa.

PRÍNCIPE — Juro-te por esta mão! Pensas que eu já me encontro no livro do Diabo, como tu e Falstaff, por perversidade e obstinação? O tempo se incumbirá de prová-lo; mas afianço-te que, por dentro, o meu coração está sangrando, por causa do estado de meu pai. É pelo fato de freqüentar companhias tão vis, como a tua, que me coíbo de qualquer demonstração de tristeza.

POINS — E a razão?

PRÍNCIPE — Que pensarias de mim, se me visses chorar?

POINS — Pensaria que és o mais principesco dos hipócritas.

PRÍNCIPE — É o que todo o mundo haveria de pensar, também; és um rapaz feliz, por pensares como todo o mundo. Não há

pensamento que trilhe tão bem a estrada batida como o teu; de fato; todo o mundo me tomaria por hipócrita. E que é o que leva vosso muito digno pensamento a pensar dessa maneira?

POINS — Ora essa, por terdes sido sempre dissoluto e muito ligado a Falstaff.

PRÍNCIPE — E a ti.

POINS — Por esta luz, eu não ando na boca do povo, e o que se diz de mim, posso ouvi-lo com estes ouvidos. O pior que poderão dizer é que sou irmão segundo e que sei valer-me das mãos, coisas essas, confesso-o sem rebuços, que não está em mim modificar. Pela Santa Missa! Aí vem Bardolfo!

(*Entram Bardolfo e o pajem.*)

PRÍNCIPE — Juntamente com o pajem que eu dei a Falstaff. Entreguei-lhe um cristão; vê agora como aquele velhaco obeso fez dele um macaco.

BARDOLFO — Deus salve a Vossa Graça!

PRÍNCIPE — E a vossa também, muito nobre Bardolfo.

BARDOLFO (*ao pajem*) — Chega-te mais para perto, asno virtuoso! tolo envergonhado! Precisas corar dessa maneira? Por que ficares rubro? Que soldado virgem me saíste! É tão grande coisa,

assim, roubar a virgindade de um jarro de cerveja?

PAJEM — Há pouco, milorde, ele me chamou através de umas rótulas vermelhas, o que impediu que eu lhe distinguisse o rosto, a tal ponto se confundia com a janela! Por fim, percebi-lhe os olhos, e tive a impressão de que ele houvesse feito dois furos na saia nova da taberneira, por onde me estivesse espiando.

PRÍNCIPE — Não é que o rapazinho aproveitou?

BARDOLFO — Fora daqui, maldito coelho de dois pés; fora!

PAJEM — Fora daqui, também, indecente sonho de Altéia!

PRÍNCIPE — Explica-nos isso, pajem; de que sonho se trata?

PAJEM — Não o sabeis, milorde? Altéia sonhou que havia parido um tição ardente. É por isso que lhe chamo sonho de Altéia.

PRÍNCIPE — Essa explicação vale uma coroa. Toma para ti, rapaz.

(*Dá-lhe dinheiro.*)

POINS — Prouvera que semelhante flor se livrasse dos vermes! Bem, aqui tens mais seis pences para te protegerem.

BARDOLFO — Se não conseguirdes que ele vos faça companhia na forca, o prejuízo será desta.

PRÍNCIPE — Como vai passando teu amo, Bardolfo?

BARDOLFO — Bem, milorde; soube que Vossa Graça se encontrava na cidade e mandou-vos esta carta.

POINS — Que foi mui respeitosamente entregue. E como vai passando o veranico do teu patrão?

BARDOLFO — Com saúde corpórea, senhor.

POINS — Com a breca! A parte imortal necessita de médico; mas isso pouco se lhe dá; embora doente, não há de morrer.

PRÍNCIPE — Tenho permitido a esse quisto a mesma familiaridade que a meu cão, do que ele sabe tirar partido. Vede só como me escreve.

POINS — "John Falstaff, cavaleiro." É o que todo o mundo tem de ficar sabendo, sempre que encontra ensejo para falar de si mesmo, exatamente como certas pessoas aparentadas

com o rei, que não se espetam no dedo sem exclamar: “Lá se vai um pouco de sangue real.” “Como assim?”, pergunta quem quer que finja não ter compreendido a alusão, a que se segue a resposta tão pronta como a saudação de quem usa gorro emprestado: “E que eu sou o pobre primo do rei, senhor”.

PRÍNCIPE — Sim, querem ser nossos parentes, ainda que tenham de subir até Jafé. Mas vamos à carta.

POINS — “Sir John Falstaff, cavaleiro, ao filho do rei, o primeiro depois de seu pai, Henrique, Príncipe de Gales, cumprimentos.” Parece mais uma certidão.

PRÍNCIPE — Caluda!

POINS — “Imitarei o honrado Romano em sua brevidade.” Refere-se, sem dúvida, à brevidade do fôlego, à curteza da respiração. “Eu me recomendo a ti, eu te recomendo e eu te deixo. Não sejas muito familiar com Poins, porque ele abusa de teus favores, a ponto de jurar que estás para casar com sua irmã Nell. Penitencia-te como puderes nas horas vagas, e com isso, adeus. Teu, sim ou não — o que eqüivale a dizer, conforme o tratares — Jack Falstaff, para os meus familiares; John, para os meus irmãos e irmãs; Sir John, para toda a Europa.” Milorde, vou enfiar esta carta em xerez e obrigá-lo a engoli-la.

PRÍNCIPE — Seria o mesmo que obrigá-lo a engolir vinte de suas próprias palavras. Mas, é assim que procedes comigo, Ned? E então verdade que vou casar-me com tua irmã?

POINS — Que Deus não conceda tão ruim sorte à rapariga! Jamais disse semelhante coisa.

PRÍNCIPE — E assim gracejamos com o tempo, enquanto o espírito dos sábios, sentado nas nuvens, troça de vós. Vosso amo está em Londres?

BARDOLFO — Está, milorde.

PRÍNCIPE — Onde se encontra? O velho javali ainda babuja no antigo chiqueiro?

BARDOLFO — No mesmo lugar, milorde; em Eastcheap.

PRÍNCIPE — Em companhia de quem?

PAJEM — Efésios, milorde, da velha igreja.

PRÍNCIPE — Vão mulheres também à ceia?

PAJEM — Nenhuma, milorde; com exceção de mistress Quickly e de mistress Doll Tearsheet.

PRÍNCIPE — Que espécie de pagã é essa?

PAJEM — Uma senhora alinhada, milorde, parenta de meu amo.

PRÍNCIPE — Sim, parenta, do mesmo modo que as vacas da paróquia o são dos touros da cidade. Vamos surpreendê-los durante a ceia, Ned?

POINS — Sou vossa sombra, milorde; seguir-vos-ei a toda parte.

PRÍNCIPE — Olha, rapazinho; e tu, Bardolfo: nem uma palavra a vosso amo de que me encontro na cidade. Aqui tendes para ficardes calados.

(*Dá-lhes dinheiro.*)

BARDOLFO — Não terei língua, senhor.

PAJEM — Quanto à minha, senhor, saberei governá-la.

PRÍNCIPE — Passai bem; ide embora!

(*Saem Bardolfo e o pajem.*)

Essa Doll Tearsheet deve ser alguma estrada.

POINS — Afianço-vos que é tão freqüentada quanto o caminho de Santo Albano a Londres.

PRÍNCIPE — Como será possível arranjar modo de vermos Falstaff em suas verdadeiras cores, sem que ele o perceba?

POINS — Ponhamos jaqueta de couro e avental e vamos servi-lo à mesa como se fossemos empregados da taberna.

PRÍNCIPE — De Deus a touro: que queda pesada! Foi o caso de Júpiter. De príncipe a servente: que baixa transformação! Será o meu caso, porque em todas as coisas a intenção deve equilibrar-se com a loucura. Acompanha-me, Ned.

(*Saem.*)

CENA III

Warkworth. Diante do castelo de Northumberland. Entram Northumberland, Lady Northumberland e Lady Percy.

NORTHUMBERLAND — Querida esposa e meiga filha, curso deixai livre a meus graves pensamentos; não tomeis as feições das circunstâncias para serdes, como elas, contra Percy.

LADY NORTHUMBERLAND — Já parei; não direi mais coisa alguma; fazei como quiserdes; que vos guie vossa prudência.

NORTHUMBERLAND — Ah, minha doce esposa, minha honra está empenhada; apenas essa resolução consegue redimi-la.

LADY PERCY — Por Deus do céu, não vades a essa guerra! Já quebrastes, meu pai, vossa palavra, quando dela pendíeis mais do que hoje, na hora em que o vosso Percy, o Harry querido de minha alma, lançava para o norte, tantas vezes, o olhar, na expectativa da ajuda de seu pai. Mas foi

debalde. Quem vos suadiu a não sair de casa? Duas reputações ali tombaram: a vossa e a dele. A vossa — possa o brilho restituir-lhe o céu! — A de Harry Percy se lhe aderia como o sol na abóbada azul do firmamento, dirigindo com sua luz os fidalgos da Inglaterra para altos feitos. Sim, ele era o espelho ante o qual a nobreza se enfeitava; todos os próprios passos lhe imitavam; sua fala ceceosa — que do berço lhe viera esse defeito — converteu-se em linguagem dos bravos, que até os mesmos que podiam falar doce e pausado, trocavam pela mácula as vantagens, para serem como ele. Na linguagem, no regime de vida, gostos, modo de andar, nas preferências, nos caprichos do sangue e nos preceitos militares, era o espelho e o modelo, a cópia e o livro por que os outros se guiavam. E a ele — que homem! verdadeiro milagre! — o abandonastes! Quem era sem segundo, secundado não foi por vós; com desvantagem viu-se forçado a olhar o horrível deus da guerra, a disputar um campo de batalha que como defensão contava apenas com o som do nome Hotspur. Abandonado! Nunca, oh! nunca façais à sua alma a afronta de serdes mais fiel aos outros que a ele. Deixai-os sós; o marechal e o bispo se acham fortes. Se o meu querido Henrique tivesse tido apenas a metade de seus homens, pendente do pescoço do meu Hotspur, agora eu poderia falar da sepultura de Monmouth.

NORTHUMBERLAND — Doce filha, maldigo esse teu gênio; privas-me da coragem, lamentando-te por erros do. passado. Mas importa que eu mesmo vá buscar ali o perigo; do contrário, ele alhures me procura, para achar-me, quiçá, desprevenido.

LADY NORTHUMBERLAND — Oh, foge para a Escócia, até que os nobres e as comunas armadas ocasião tenham de se medir com os inimigos.

LADY PERCY — Caso ganhem terreno e outras vantagens, uni-vos a eles como viga de aço que lhes enrijará mais a pujança. Mas, por tudo o que amamos, que a experiência eles façam primeiro. Vosso filho dessa arte procedeu; Vós o quisestes; e assim eu enviuvei, sem que me seja dado viver bastante para as minhas recordações regar com o choro, a ponto de crescerem e o céu alto atingirem, em memória do meu nobre marido.

NORTHUMBERLAND — Vamos; entrai comigo; meu espírito, neste instante, se encontra como as águas na mais alta maré, quietas e calmas, sem que defluam para lado algum: de grado eu o arcebispo procurara, mas mil razões contrárias me retêm. Vou para a Escócia; ali deixo ficar-me, té que o tempo e a ocasião vão lá buscar-me.

(*Saem.*)

CENA IV

Londres. Um quarto da taberna "Cabeça de Javali", em Eastcheap. Entram dois criados.

PRIMEIRO CRIADO — Que diabo trouxeste aí? Peras de São João? Bem sabes que Sir John não suporta essas peras.

SEGUNDO CRIADO — Com a breca! Tens razão. Certa vez o príncipe pôs diante dele um prato de peras de São João e lhe disse que ali se continham mais cinco Sir Johns. Depois, tirando o chapéu, disse: "Agora vou despedir-me destes seis redondos, secos e enrugados cavaleiros". Isso o irritou até à alma; mas já esqueceu.

PRIMEIRO CRIADO — Nesse caso, cobre-as e vai servi-lo, para depois veres se encontras a barulheira de Sneak; mistress Tearsheet gostaria de ouvir um pouco de música. Vamos, despacha-te! A sala em que eles ceiam está muito quente; não demora, eles estarão aí.

SEGUNDO CRIADO — Olha, o príncipe e mestre Poins vão chegar daqui a pouco; vão usar

nossas jaquetas e aventais, mas Sir John não deve sabê-lo; foi o que Bardolfo veio dizer.

SEGUNDO CRIADO — Vou ver se encontro Sneak.

(*Sai.*)

(*Entram mistress Quickly e Doll Tearsheet.*)

ESTALAJADEIRA — E muito certo, coraçãozinho, parece que vos encontrais agora em ótima temperatura; vosso pulsozinho bate tão extraordinariamente, quanto pode desejar o coração, além de estardes vermelha como uma rosa. Verdade! Mas o fato é que bebestes canárias um pouco mais da conta, que é um vinho que sobe à maravilha e perfuma o sangue antes que se possa perguntar: que houve? Como vos sentis agora?

DOLL — Melhor do que há pouco.

ESTALAJADEIRA — Antes assim; um bom coração vale ouro. Vede! Sir John vem vindo ali!

(*Entra Falstaff, cantando.*)

FALSTAFF — Quando Artur veio à corte a vez primeira... Vai despejar o urinol!

(*Sai o primeiro criado.*)

Que grande rei aquele! Então, mistress Doll?

ESTALAJADEIRA — Não está se sentindo bem; tem náuseas.

FALSTAFF — Assim são todas; quando as deixamos calmas, adoecem.

DOLL — Velhaco imundo, é esse o consolo que me dás?

FALSTAFF — Deixais gordos os velhacos, mistress Doll.

DOLL — Eu! Sou eu que os faço engordar? A gula e as doenças é que os deixam estufados, não eu.

FALSTAFF — Se o cozinheiro é auxiliar da gula, vós o sois das doenças, Doll. É de vós que as apanhamos, Doll; é de vós que as apanhamos. Concordai nisso, minha virtude; concordai nisso.

DOLL — Sim, de nós apanhais jóias e correntes.

FALSTAFF — Ah, vossos broches, pérolas e brincos! pois, como bem o sabeis, quem serve como bravo, volta coxo. Avançar para a brecha, brandindo a lança como um bravo, e enfrentar bravamente o cirurgião... Aventurar-se contra as peças carregadas...

DOLL — Vai te enforcar, congro imundo!

ESTALAJADEIRA — É sempre a mesma história! Nunca estais juntos sem brigar. Sois tão reumáticos como duas torradas secas; um não suporta as conformidades do outro. Ora, por tudo o que há! é preciso que um agüente o outro, e isso compete a vós, por serdes o vaso mais fraco, como eles dizem, o mais vazio.

DOLL — Como pode um vaso fraco e vazio suportar um tonel cheio como este? Traz no corpo um carregamento de bordéus. Nunca se viu navio tão carregado. Mas façamos as pazes, Jack, uma vez que vais para a guerra. Quanto a saber-se se ainda voltarei a ver-te, é assunto que não interessa a ninguém.

(*Volta o primeiro criado.*)

PRIMEIRO CRIADO — Senhor, o porta-bandeira Pistola está lá em baixo e deseja falar-vos.

DOLL — Enforquem esse maldizente de uma figa! Não o deixeis entrar aqui; não há boca mais suja em toda a Inglaterra.

ESTALAJADEIRA — Se ele é maldizente, não o deixeis entrar. Não, por Deus! Preciso viver bem com os vizinhos; não quero saber de mexeriqueiros; gozo de bom nome e boa fama entre a melhor gente. Fechai as portas! Aqui não entra nenhum maldizente; não cheguei com a

vida até hoje para vir a ser falada. Peço-vos a todos; fechai as portas.

FALSTAFF — Escuta, estalajadeira...

ESTALAJADEIRA — Nada de histórias, Sir John; não me venhais com essa! O vosso insigne maldizente não pisará dentro destas paredes. No outro dia eu fui apresentada ao mestre Físico, deputado, e, como ele me disse — e não faz muito tempo, foi na quinta-feira última — "Vizinha Quickly", disse-me ele — achava-se presente mestre Dumbe, nosso ministro — "vizinha Quickly", disse-me ele, "recebei em vossa casa apenas pessoas de bem, porque", disse ele, "não gozais de boa reputação" — eu bem sei porque ele se exprimiu dessa maneira — "porque", disse ele, "sois uma mulher honesta e considerada. Por isso, tende cuidado com a espécie de gente a que dais acolhida; que não seja gente desordeira". Dessa marca não me entra ninguém. Havíeis de benzer-vos, se o houvésseis ouvido falar. Não, não quero saber de maldizentes em minha casa.

FALSTAFF — Ele não é maldizente, estalajadeira; um tanto falador, é certo, mas inofensivo. Podeis acariciá-lo com tanta meiguice como a um pequeno galgo; não faria frente a uma galinha de Berberia, se esta arrepiasse as penas para defender-se. Manda-o subir, rapaz.

(*Sai o primeiro criado.*)

ESTALAJADEIRA — Falador, dissestes? Não fecho a minha casa para nenhum homem de bem, embora seja falador de profissão; mas detesto barulhos, afianço-vos. Fico até doente, só de ouvir falar em arruaceiros. Vede, senhores, como estou a tremer; podeis crer-me; olhai para isto.

DOLL — Realmente, estalajadeira.

ESTALAJADEIRA — Não é verdade? Sim, por minha fé, até pareço uma folha de álamo, de tanto que eu tremo; não suporto arruaceiros.

(*Entram Pistola, Bardolfo e o pajem.*)

PISTOLA — Deus vos salve, Sir John!

FALSTAFF — Sê bem-vindo, porta-bandeira Pistola. Eis aqui, Pistola: carrego-te com um copo de xerez; agora descarrega na minha estalajadeira.

PISTOLA — Vou descarregar nela, Sir John, com duas balas.

FALSTAFF — Ela está à prova de pistola, meu caro senhor; dificilmente podereis ofendê-la.

ESTALAJADEIRA — Não sou eu que vou engolir vossas provas e vossas balas; não bebo nada só para ser agradável a quem quer que seja; só beberei o que me fizer bem.

PISTOLA — Então será convosco, mistress Dorotéia; vou carregar-vos.

DOLL — Carregar-me! Eu te arrenego, piolhento! Como! Um sujeito esfarrapado, sem eira nem beira, um falador! Para trás, bolorento! Eu sou iguaria só para o teu patrão.

PISTOLA — Nós nos conhecemos, mistress Doll.

DOLL — Sai, indecente batedor de carteira! Ladrão imundo, para trás! Por este vinho, enfiarei minha faca nessa queixada podre, se vos meterdes comigo. Para trás, botija de cerveja, espadachim desenxabido! Desde quando, senhor, por obséquio? Tem graça! Por causa dessas duas riscas nos ombros, que não valem nada?

PISTOLA — Que Deus não me deixe viver! Vou assassinar-te a gorja por tudo isso.

FALSTAFF — Basta, Pistola! Não desejo que estales aqui; vai descarregar longe de nossa companhia.

ESTALAJADEIRA — Não, meu bom capitão Pistola; aqui não, meu doce capitão.

DOLL — Capitão! Não te envergonhas, maldito, trapaceiro de uma figa, de te chamarem de capitão? Se os capitães pensassem como eu, te dariam uma coça por usares o título antes de o

mereceres. Capitão tu, biltre? Capitão por quê? Por haveres arrebentado em um bordel a gola a uma pobre rapariga? Capitão, ele! Vai te enforcar, velhacão! Um sujeito que só come ameixas podres e bolo seco! Capitão! Pela luz divina, esses tratantes acabam deixando a palavra capitão tão odiosa como a expressão possuir, que era vocábulo excelente antes de lhe haverem emprestado acepção ruim. Os capitães que tomem cuidado.

BARDOLFO — Por favor, porta-bandeira, vai embora!

FALSTAFF — Uma palavrinha, mistress Doll.

PISTOLA — Daqui eu não saio! Digo-te uma coisa, sargento Bardolfo: preciso vingar-me; vou deixar essa mulher em tiras.

PAJEM — Por favor, descei logo.

PISTOLA — Primeiro hei de vê-la condenada por estas mãos no lago danado de Plutão, nas profundezas do inferno, debaixo do Erebo e das mais terríveis torturas. Tirai a linha e o anzol, é só o que eu digo. Descer, cães? Descer, traidores? Não temos Irene aqui?

ESTALAJADEIRA — Acomodai-vos, meu bom capitão Pistola; já é tarde; agravai a vossa cólera.

PISTOLA — Que brincadeira! Os animais de carga, esses sendeiros da Ásia, ocos e fartos, que fazem trinta milhas só por dia, podem ser, por acaso, comparados aos canibais e aos Césares, ou mesmo aos troianos da Grécia? Não; que sejam com o rei Cérbero todos condenados, e ruja o firmamento. Acaso vamos brigar por ninharias?

ESTALAJADEIRA — Por minha fé, capitão; são bem amargas essas palavras.

BARDOLFO Meu bom alferes, ide embora; isso vai acabar novamente em barulho.

PISTOLA — Que os homens morram como cães! Jogadas como alfinetes, vejam-se coroas! Não temos por acaso Irene aqui?

ESTALAJADEIRA — Dou-vos minha palavra, capitão; é o que não temos. Que tempos! Pensais que o negaria? Acomodai-vos, pelo amor de Deus.

PISTOLA — Então, come a fartar, bela Calípolis! Vamos, dá-me xerez. Si fortuna me tormenta, sperato me contenta. Por que temer as salvas? Que o inimigo faça fogo. Xerez, vamos! Repousa neste canto, benzinho.

(*Depõe a espada.*)

Concluiremos? Vamos deixar de lado esses et céteras.

FALSTAFF — Pistola, desejo ficar quieto.

PISTOLA — Excelso cavaleiro, beijo-te a escrava. Ora! Já não vimos o sete-estrêlo?

DOLL — Jogai-o pelas escadas! Não suporto a linguagem empolada desse biltre.

PISTOLA "Jogai-o pelas escadas"? Desconhecemos, acaso, os cavalinhos de Galloway?

FALSTAFF — Atira-o lá para baixo, Bardolfo, como um xelim de jogo; se só sabe dizer sandices, está sobrando aqui.

BARDOLFO — Vamos, vá descendo.

PISTOLA — Vamos ter incisões? fazer sujeiras?

(*Sacando da espada.*)

Acalenta-me, Morte, no meu sono! Encurta-me esta vida tão sofrida! Que os mais terríveis golpes e profundos cindam as três irmãs. Atropos, vinde!

ESTALAJADEIRA — Vai haver coisa grossa!

FALSTAFF — Dá-me a minha espada, rapaz.

DOLL — Jack, por compaixão, não saques da espada.

FALSTAFF — Vamos, descei logo!

(*Empurra-o.*)

ESTALAJADEIRA — Que tumulto! É preferível não ter casa a passar por semelhantes trancos e sustos. Vai haver morte, podeis crer-me. Por favor! Por favor! Embainhai as espadas, embainhai as espadas!

(*Saem Bardolfo e Pistola.*)

DOLL — Peço-te, Jack, fica quietinho; aquele birbante já se foi. Que bandido valente me saíste!

ESTALAJADEIRA — Não estás ferido na virilha? Quis parecer-me que ele vos deu um bote traiçoeiro na barriga.

(*Volta Bardolfo.*)

FALSTAFF — Puseste-o porta fora?

BARDOLFO — Sim, senhor; o velhaco está bêbado; vós o feristes no ombro.

FALSTAFF — Um biltre desses afrontar-me!

DOLL — Ah, bandidinho querido! Pobre macaquito, como estás suando! Deixa que te enxugue o rosto; vamos, presunto de uma figa. Ah, bandido! não há dúvida, amo-te muito. És tão valente como Heitor de Tróia; vales por cinco

Agamémnones e dez vezes mais do que os nove heróis. Ah, vilão!

FALSTAFF — Miserável escravo! Vou mantear esse bandido.

DOLL — Faze-o, se o coração te pede isso, que eu te ajudarei entre um par de lençóis.

(*Entram músicos.*)

PAJEM — Chegou a música, senhor.

FALSTAFF — Que toquem! Tocai, senhores! Doll, senta-te em meus joelhos. Fanfarrão miserável! O velhaco escapou-me como azougue.

DOLL — Isso mesmo! E tu o perseguiste como uma igreja. Ah, bandido leitãozinho de São Bartolomeu! Quando deixarás de brigar durante o dia e de dar estocadas à noite para começares a remendar o teu velho corpo para o céu?

(*Entram pelos fundos o príncipe e Poins, disfarçados de criados.*)

FALSTAFF — Fica em paz, querida Doll; não fales como uma caveira; não me obrigues a pensar no meu fim.

DOLL — Então dize-me de que humor é o príncipe.

FALSTAFF — Um moço superficial; daria um bom padeiro; cortaria pão à maravilha.

DOLL — Dizem que Poins é muito espirituoso.

FALSTAFF — Espirituoso! Que me enforquem esse macaco! Seu espírito é tão espesso quanto a mostarda de Tewksbury; não tem mais entendimento do que um pedaço de pau.

DOLL — Então por que o príncipe lhe dedica tanta afeição?

FALSTAFF — Porque ambos têm as pernas do mesmo tamanho e ele joga malha muito bem, come congro com funcho, engole tocos de vela acesos em lugar do vinho, brinca de cavalo com as crianças em um cabo de vassoura, sabe pular por cima dos bancos, blasfema com donaire, traz as botas sempre tão justas como pernas penduradas no portal, não se mete em barulhos por contar histórias discretas, além de outras faculdades de saltador, que são mostras de corpo flexível e de entendimento mesquinho, causas de aceitá-lo o príncipe ao seu lado. E que o príncipe é outro como ele, um fio de cabelo faria inclinar a balança que os pesasse.

PRÍNCIPE — Não cortaremos as orelhas a este cubo de roda?

POINS — Vamos dar-lhe uma coça diante da amásia.

PRÍNCIPE — Vê se esse velho enrugado não tem a cabeça calva, tal qual a de papagaio.

POINS — Não é estranho que o desejo sobreviva tanto tempo à capacidade de satisfazê-lo?

FALSTAFF — Dá-me um beijo, Doll.

PRÍNCIPE — Saturno e Vênus em conjunção este ano! Que diz a isso o almanaque?

POINS — Vede ali o trígono de fogo, seu escudeiro, como lambe o velho registro do patrão, seu livro de notas, a confidente.

FALSTAFF — Teus beijos são aduladores.

DOLL — Juro que te beijo de todo o coração.

FALSTAFF — Estou velho! Estou velho!

DOLL — Quero-te mais do que a todos esses casquilhos.

FALSTAFF — De que fazenda desejas o saiote? Receberei dinheiro na quinta-feira; amanhã terás o gorro. Vamos, uma canção alegre! Está ficando tarde; é hora de deitar; quando eu me for embora, tu nem te lembrarás de mim.

DOLL — Se te pões a falar assim, far-me-ás chorar. Hás de ver se usarei roupa nova, enquanto estiveres longe. Espera até ao fim.

FALSTAFF — Francis, um pouco de xerez!

O PRÍNCIPE e POINS — Neste momento, senhor! Neste momento!

FALSTAFF — Ah! Um filho bastardo do rei! E tu, não és o seu irmão, Poins?

PRÍNCIPE — Globo de continentes impuros, que vida a tua!

FALSTAFF — Melhor do que a tua; sou um gentil-homem, ao passo que tu não passas de um tirador de cerveja.

PRÍNCIPE — Perfeitamente, meu senhor; aqui vindo para tirar-vos as orelhas.

ESTALAJADEIRA — Que o Senhor preserve tua Graça! Por minha alma, sê bem-vindo a Londres! Que o Senhor abençoe tua doce figura. Oh, Jesus! Chegastes de Gales?

FALSTAFF — Ó tu, maldito composto de loucura e majestade! Por esta carne fraca e este sangue corrupto, (*apontando para Doll.*) bem-vindo sejas!

DOLL — Como, louco enxundioso! Eu te desprezo.

POINS — Milorde, o que ele quer é fazer-vos esquecer da vingança e levar tudo em brincadeira; não vos descuideis.

PRÍNCIPE — Imunda mina de sebo, que coisas abjetas disseste agora mesmo de mim, diante desta senhora honesta e virtuosa!

ESTALAJADEIRA — Bendito seja vosso bondoso coração! Em verdade, é o que ela é.

FALSTAFF — Estavas me ouvindo?

PRÍNCIPE — Estava; e vós me reconhecestes, como no dia em que correstes em Gadshill; sabíeis que eu me encontrava ali atrás, e só falastes daquele modo com o fito de experimentar-me a paciência.

FALSTAFF — Não, não, não é assim; não imnaginava que podias estar escutando o que eu dizia.

PRÍNCIPE — Nesse caso vou obrigar-vos a confessar que os insultos foram premeditados, sabendo depois como tratar-vos.

FALSTAFF — Não houve insulto, Harry; palavra de honra; não houve insulto.

PRÍNCIPE — Então não é insulto menoscabar a minha pessoa, chamar-me de saquiteiro, cortador de pão, e não sei o que mais?

FALSTAFF — Não houve insulto, Hal.

POINS — Não houve insulto?

FALSTAFF — Não houve, Ned; de espécie alguma, honesto Ned. O que eu fiz foi depreciá-lo diante dos réprobos, para que estes não lhe adquirissem afeição. Procedi como amigo zeloso e súdito leal; teu pai deve ser-me agradecido por isso. Não houve insulto, Hal; nenhum, Ned, nenhum; palavra, rapazes, não houve insulto.

PRÍNCIPE — Ora vê, como por puro medo e covardia, injurias a esta senhora virtuosa, para te reconciliares conosco. Faz ela parte dos réprobos? Está incluída, também, entre os réprobos a estalajadeira aqui presente? É réprobo o pajem? E o honesto Bardolfo, cujo zelo arde no próprio nariz, faz também parte dos réprobos?

POINS — Responde a isso, olmo morto, responde!

FALSTAFF — Bardolfo já está assinalado pelo demônio por maneira irremissível; seu rosto é a cozinha particular de Lúcifer, em que a toda hora se assam os bêbados; quanto ao rapaz, é certo

que um anjo bom o acompanha; mas já se acha dominado pelo diabo.

PRÍNCIPE — E as mulheres?

FALSTAFF — Uma já está a arder no inferno, pobre alma! Enquanto à outra, devo-lhe dinheiro, ignorando se ela vai ser condenada por isso.

ESTALAJADEIRA — Não, posso assegurar-vos.

FALSTAFF — Não o serás; penso que disso estás quite. Mas pesa sobre ti outra acusação, por permitires que se coma carne em tua casa, contrariamente às leis, pelo que me parece que vais urrar.

ESTALAJADEIRA — Todos os donos de estalagem fazem o mesmo; que são um ou dois quartos de carneiro em toda a quaresma?

PRÍNCIPE — Vós, distinta senhora...

DOLL — Que disse Vossa Graça?

FALSTAFF — Sua Graça disse algo contra o que sua carne se rebela.

(*Batem.*)

ESTALAJADEIRA — Quem bate com tanta força? Vai ver, Francis.

(*Entra Peto.*)

PRÍNCIPE — Então, Peto, que novidades há?

PETO — O soberano vosso pai se encontra em Westminster e com ele se acham vinte mensageiros exaustos de fadiga, que do norte acabaram de chegar. Em caminho passei por uma dúzia de capitães, suarentos, sem chapéus, que batiam em todas as tabernas, perguntando notícias de Sir John.

PRÍNCIPE — Pelo céu, Poins; confesso-me culpado por gastar em brinquedo um tempo destes, em que a tormenta da desordem, como vento sul a arrastar vapores negros, começa a derreter e chove em nossas cabeças desarmadas. Minha espada, vamos, e minha capa! Adeus, Falstaff.

(*Saem o príncipe, Poins, Peto e Bardolfo.*)

FALSTAFF — Agora, justamente, que vinha o pedaço mais apetecível da noite, é-nos forçoso partir sem tocar nele! Mais batidas!

(*Batem.*)

BARDOLFO — Deveis apresentar-vos imediatamente à corte, senhor. Uma dúzia de capitães vos esperam lá embaixo.

FALSTAFF — Paga os músicos, moleque! Adeus, estalajadeira; adeus, Doll. Bem vedes, raparigas, como os homens de mérito são procurados. Quem não presta para nada, pode dormir à vontade, enquanto o homem de ação é solicitado. Adeus. Se não me despacharem com urgência, ainda vos verei antes de partir.

DOLL — Nem posso falar... Se o meu coração não arrebentar... Adeus, Jack adorado, toma cuidado contigo.

FALSTAFF — Adeus, adeus.

(*Saem Falstaff e Bardolfo.*)

ESTALAJADEIRA — Adeus. Na próxima estação das ervilhas verdes fará vinte e nove anos que nos conhecemos. Homem mais honrado e de coração sincero... Adeus.

BARDOLFO (*dentro*) — Mistress Tearsheet!

ESTALAJADEIRA — Que é que há?

BARDOLFO (*dentro*) — Dizei a mistress Tearsheet que venha ter com o meu amo.

ESTALAJADEIRA — Corre, Doll, corre! Corre, bondosa Doll!

(*Saem.*)

ATO III

CENA I

Westminster. Um quarto no palácio. Entra o Rei Henrique, em trajos de noite, com um pajem.

REI HENRIQUE — Chama os Condes de Surrey e de Warwick; mas que antes de aqui virem leiam estas cartas e as considerem. Vai depressa.

(*Sai o pajem.*)

Quantos súditos meus dormem tranqüilos a estas horas! Ó sono! Ó gentil sono! ama da natureza, que motivo de espanto em mim descobres, para as pálpebras não me vires cerrar, nem mergulhares meus sentidos no olvido? Por que, sono, te comprazes em choças enfumadas, e em enxergões incômodos te estendes, pelo ruído embalado dos insetos noturnos, em vez de ires para os quartos perfumados dos grandes, sob esplêndidos e faustosos dosséis, acalentado pelo som das mais suaves melodias? Ó deus inepto, por que causa dormes com o miserável, em

imundos catres, e o leito real transformas em guarita de sentinela ou sino para alarma? Nos mastros mais vertiginosos selas os olhos do grumete e lhe acalentas a cabeça nas águas imperiosas e no ímpeto dos ventos que acometem pelas cristas as ondas desalmadas e as cabeças monstruosas lhes erriçam, suspendendo-as nas nuvens fugitivas com trons de ensurdecer, a cujo estrondo desperta a própria Morte. Podes, sono parcial, dar teu repouso ao tiritante grumete em hora assim tão rude, ao passo que na noite mais calma e silenciosa, com as solicitações mais confortantes o recusas a um rei? Dormi, portanto, tranqüilos, pequeninos, que pesada sempre se encontra a fronte coroada.

(*Entram Warwick e Surrey*.)

WARWICK — Mil bons dias a Vossa Majestade.

REI HENRIQUE — Já é bom dia, milorde?

WARWICK — já é pouco mais de uma hora.

REI HENRIQUE — Então, bom dia a todos, caros lordes. Lestes com atenção aquelas cartas?

WARWICK — Lemos, meu soberano.

REI HENRIQUE — Então sabeis quão doente se acha o corpo do nosso reino e como ingentes males e perigos o peito lhe consomem.

WARWICK — Mas não passa de um corpo perturbado, que pode readquirir a força prisca com pouca medicina e bons conselhos; Lorde Northumberland cedo arrefece.

REI HENRIQUE — Ó Deus! Se se pudesse ler o livro do destino e as mudanças ver do tempo: montanhas que se aplainam, continentes — enfarados da sólida estrutura — fundirem-se no mar! Ou, noutras épocas, ver a úmida cintura dos oceanos larga para as costelas de Netuno, e as chacotas da sorte, e a variedade de licores da taça da inconstância! Se se visse tudo isso, o mais risonho mancebo, ao contemplar a estrada ingente, os perigos passados, os desgostos em perspectiva, o livro fecharia e a chamar pela morte se deitara. Dez anos não passaram desde que Ricardo com Northumberland se regalavam juntos, como amigos. E, dois anos depois, se combatiam! Há oito anos esse Percy era a pessoa mais chegada à minha alma; em meus trabalhos, como irmão, me ajudava; punha a vida e a afeição a meus pés; foi mesmo a ponto de lançar a Ricardo um desafio. Qual de vós lá se achava? (*A Warwick.*) Primo Nevil, lembra-me agora, vós, quando Ricardo, com os olhos marejados, posto em xeque já por Northumberland, disse as palavras que proféticas ora se tornaram: "Northumberland, escada de que o primo Bolingbroke se serve para vir até o meu trono..." ainda que eu não tivesse — Deus o sabe —

semelhante intenção; mas o infortúnio tanto o Estado abaixou, que eu e a grandeza nos vimos compelidos a beijar-nos: “Há de chegar o tempo”, continuou, “há de vir tempo em que este crime hediondo romperá qual postema”. Desse jeito prosseguiu, predizendo os fatos de hoje e a divisão de nossos sentimentos.

WARWICK — Na vida dos mortais há sempre um fato que é símbolo dos tempos decorridos. Observando-o, podemos ser profetas, quase sem erro, do volver das coisas não nascidas que ainda entesouradas se acham nos fracos germes e começos. Tais coisas o ovo e o fruto são do tempo. De sua forma necessária pode Ricardo a conclusão tirar que o grande Northumberland, então falso para ele, de semelhante germe cresceria a uma traição maior, cujas raízes careceriam de terreno, a menos que fosse em vós.

REI HENRIQUE — São, pois, necessidade esses eventos? Como necessidade os aceitemos. É esse o termo que agora nos concita. Dizem que o bispo com Northumberland têm cinqüenta mil homens.

WARWICK — Impossível, milorde! Como a voz do eco, duplica sempre o rumor as coisas que se temem. Repouse Vossa Graça. Por minha alma, milorde, as forças que mandastes contra eles, conseguirão vitória fácil. Para melhor

tranqüilizar-vos, digo que soube do trespasse de Glendower. Há quinze dias Vossa Majestade não tem passado bem; essas vigílias agravarão, decerto, vossos males.

REI HENRIQUE — Sigo o vosso conselho. E uma vez livres as mãos da guerra que nos prende agora, à Terra Santa iremos sem demora.

CENA II

Pátio diante da casa do juiz Shallow, em Gloucestershire. Entram Shallow e Silêncio, que se encontram; no fundo, Mofado, Sombra, Verruga, Fraco, Bezerro e criados.

SHALLOW — Vinde, vinde, senhor! Dai-me a mão, senhor, dai-me a mão! Um bom madrugador, pela Santa Cruz! Como vai passando o meu bom primo Silêncio?

SILÊNCIO — Bom dia, bom primo Shallow.

SHALLOW — Como passa a prima, vossa companheira de leito? E a nossa bela filha, a minha afilhada Helena?

SILÊNCIO — Ah! um melro negro, primo Shallow.

SHALLOW — Pelo sim pelo não, atrevo-me a dizer que o primo Guilherme deu ótimo estudante. Ainda está em Oxford, não é verdade?

SILÊNCIO — É fato, senhor; à minha custa.

SHALLOW — Se assim é, dentro de pouco irá para a Escola de Direito. Freqüentei a de São Clemente, onde penso que ainda se lembram do amalucado Shallow.

SILÊNCIO — Éreis ali conhecido como “o robusto Shallow”, primo.

SHALLOW — Pela Santa Missa! Chamavam-me de todo jeito; eu fazia coisas do arco da velha, sem pensar nas conseqüências. Éramos eu, o pequeno João Doit de Staffordshire, e o negro Jorge Barnes, e Francis Pickbone, e Will Squele, de Costwold. Nunca houve em toda a escola quatro ferrabrases como nós. E uma coisa vos asseguro: sabíamos onde encontrar o pessoalzinho e tínhamos sempre as melhores à nossa disposição. Nesse tempo Jack Falstaff, hoje Sir John, era menino, pajem de Tomás Mowbray. Duque de Norfolk.

SILÊNCIO — É esse mesmo Sir John, primo, que vem fazer aqui o recrutamento?

SHALLOW — O mesmo Sir John, o mesmo. Vi-o certa vez quebrar a cabeça a Skogan, na porta da escola; era um pirralho deste tamanho. No mesmo dia eu briguei com Um tal Sansão Stockfish, fruteiro, atrás da Escola de Gray. Jesus! Jesus! que dias de loucura aqueles! E lembrar agora quantos desses velhos conhecidos já morreram!

SILÊNCIO — Todos nós teremos de segui-los, primo.

SHALLOW — É certo, é certo; não há dúvida, não há dúvida. A morte, como diz o salmista, é o que há de mais positivo; todos nós ternos de morrer. Qual é o preço de uma junta de bois na feira de Stamford?

SILÊNCIO — Para falar certo, primo, não estive lá.

SHALLOW — A morte não falha. Ainda vive o velho Double de vossa cidade?

SILÊNCIO — já morreu, senhor.

SHALLOW — Jesus, Jesus, morreu! Atirava otimamente com arco; e morreu! João de Gaunt lhe tinha grande afeição e costumava apostar muito dinheiro sobre ele. Morreu! Acertava mio alvo a duzentos e quarenta passos; a duzentos e oitenta, e até mesmo a duzentos e noventa ele vos lançava uma flecha, que era um gosto presenciar. Qual é o preço de uma vintena de ovelhas?

SILÊNCIO — Isso depende; uma vintena de boas ovelhas pode valer dez libras.

SHALLOW — Então o velho Double já morreu!

SILÊNCIO — Aí vêm dois dos homens de Sir John Falstaff, segundo creio.

(*Entra Bardolfo acompanhado de um homem.*)

BARDOLFO — Bom dia, honrados cavalheiros. Por obséquio, quem é o juiz Shallow?

SHALLOW — Sou eu, Roberto Shallow, senhor, senhor; um pobre rendeiro deste condado e um dos juizes de paz do rei. Que desejais de mim?

BARDOLFO — Meu capitão, senhor, manda-vos muitas recomendações; meu capitão, Sir John Falstaff, um gentil-homem de boa estatura — como não! — e valente oficial.

SHALLOW — Agradeço-lhe os cumprimentos, senhor. Conheci-o como ótimo esgrimista. Como passa esse excelente cavaleiro? Poderei, também, pedir notícias de milady sua esposa?

BARDOLFO — Perdão, senhor; mas um soldado se acomoda melhor sem mulher.

SHALLOW — Muito bem dito, senhor, por minha fé, muito bem dito. “Acomoda-se melhor!” muito bem! Excelente! As boas frases são seguramente, e sempre o foram, muito recomendáveis. Acomodado! Vem de “accommodo”; ótimo! Bela frase!

BARDOLFO — Perdão, senhor! já ouvi essa palavra. Chamais a isso frase? Por tudo o que há, não conheço a frase; mas manterei com a minha espada que essa palavra é uma palavra soldadesca e de excelente comando. Acomodado, isto é, quando o indivíduo está, como se diz, acomodado; ou, quando ele está, estando, por onde se possa imaginar que esteja acomodado, o que é uma excelente coisa.

(*Entra Falstaff*.)

SHALLOW — Justíssimo. Mas vede! Aí vem o bom Sir John. Dai-me vossa boa mão! Dai-me a boa mão de Vossa Senhoria! Por minha fé! Estais com ótima aparência e carregais admiravelmente os anos. Sede bem-vindo, bom Sir John.

FALSTAFF — Alegra-me vê-lo com saúde, bom mestre Roberto Shallow, Mestre Sure-card, se não me engano?

SHALLOW — Não, Sir John; esse é o meu primo Silêncio, que está comissionado comigo.

FALSTAFF — Bom mestre Silêncio, assenta-vos muito bem essa ocupação pacífica.

SILÊNCIO — Vossa Senhoria é muito bem-vindo.

FALSTAFF — Uf! Que calor está fazendo, cavalheiros! Arranjastes-me uma meia dúzia de homens aptos para o serviço?

SHALLOW — Perfeitamente. Não quereis sentar-vos?

FALSTAFF — Deixai-me vê-los, por obséquio.

SHALLOW — Onde está a lista? Onde está a lista? Onde está a lista? Vejamos, vejamos, vejamos... É isso, é isso... Sim, aqui está ela, senhor. Rodolfo Mofado! Venham vindo à medida que eu for chamando; não façam confusão. Vejamos: onde está o Mofado?

MOFADO — Aqui, senhor, com vossa licença.

SHALLOW — Que vos parece, Sir John? Um rapagão bem constituído, moço forte e de boa família.

FALSTAFF — Teu nome é Mofado?

MOFADO — Sim, senhor; com vossa licença.

FALSTAFF — Então já é mais que tempo de seres usado.

SHALLOW — Ah, ah, ah! Excelente, em verdade! Os objetos que criam mofo necessitam de uso. Particularmente excelente. Realmente, muito bem dito, Sir John, muito bem dito.

FALSTAFF — Uma espetada nele.

MOFADO — Eu já tenho sido espetado demais na vida: bem podíeis deixar-me tranqüilo. Minha velha patroa vai ficar desesperada, sem ter quem lhe cuide da lavoura e dos de mais afazeres. Não há necessidade de espetardes o meu nome; há gente muito mais capaz do que eu para seguir.

FALSTAFF — Cala a boca, Mofado! Haveis de seguir, Mofado; já é tempo de serdes usado.

MOFADO — Usado!

SHALLOW — Quieto, rapaz! Quieto! Ficai de lado; não sabeis onde vos encontrais? Quanto aos demais, Sir John... Vejamos: Simão Sombra!

FALSTAFF — Com a breca! Quero esse para sentar-me embaixo dele. Deve ser um soldado refrigerante.

SHALLOW — Onde está o Sombra?

SOMBRA — Aqui, senhor!

FALSTAFF — Sombra, de quem és filho?

SOMBRA — Sou filho de minha mãe, senhor.

FALSTAFF — Filho de tua mãe? Sim, é muito provável, e também sombra de teu pai. Desse modo, o filho da mulher é a sombra do marido,

que é o que se dá na mais das vezes, mas sem a substância deste.

SHALLOW — Convém-vos este, Sir John?

FALSTAFF — Sombra vai servir no verão; uma espetada nele, porque temos muitas sombras para encher a lista do recrutamento.

SHALLOW — Tomás Verruga!

FALSTAFF — Onde se encontra esse?

VERRUGA — Aqui senhor!

FALSTAFF — Teu nome é Verruga?

VERRUGA — Sim, senhor.

FALSTAFF — Pois és uma verruga bem andrajosa.

SHALLOW — Uma espetada também nesse, Sir John?

FALSTAFF — Seria supérfluo, porque ele traz às costas toda a bagagem, apoiando-se o conjunto do edifício sobre dois alfinetes. Não; basta de espetadas.

SHALLOW — Ah, ah! Podeis fazê-lo, senhor; podeis fazê-lo. Felicito-vos por isso. Francisco Fraco!

FRACO — Presente, senhor!

FALSTAFF — Fraco, qual é a tua profissão?

FRACO — Alfaiate de senhoras, senhor.

SHALLOW — Uma espetada nesse também, senhor?

FALSTAFF — Decerto; mas se ele fosse alfaiate de homens, seria sua a vez de espetar-vos. És capaz de fazer tantos furos nas fileiras dos inimigos quantos já fizeste nas saias das senhoras?

FRACO — Farei o que me for possível, senhor; não podeis exigir mais.

FALSTAFF — Muito bem respondido, excelente alfaiate de senhoras! Muito bem dito, corajoso Fraco! Hás de ser tão valente como uma pomba enfurecida ou um rato magnânimo. Uma espetada no alfaiate de senhoras! Muito bem, mestre Shallow! Com força, mestre Shallow!

FRACO — Eu queria que Verruga também seguisse, senhor!

FALSTAFF — Eu queria que fosses alfaiate de homens para que o remendasses e o deixasses apto para seguir. Não posso fazer um simples soldado de quem conduz às costas tantos

milheiros deles. Que isso te baste, fortíssimo Fraco.

FRACO — É o bastante, senhor.

FALSTAFF — Sou-vos muito agradecido, reverendo Fraco. Quem segue?

SHALLOW — Pedro Bezerro do Prado!

FALSTAFF — Magnífico! Vejamos esse bezerro.

BEZERRO — Presente, senhor!

FALSTAFF — Por Deus, um rapagão! Vamos, uma espetada nesse bezerro, até que ele torne a mugir.

BEZERRO — Oh, senhor! Meu bom lorde capitão...

FALSTAFF — Que é isso! Estás mugindo antes de te espetarem?

BEZERRO — Oh, Jesus, Senhor! Eu sou um homem doente.

FALSTAFF — De que doença sofres?

BEZERRO — De um bandido resfriado, senhor; uma tosse, senhor, que apanhei à força de repicar os negócios do rei, no dia de sua coroação, senhor.

FALSTAFF — Bem; irás para a guerra com roupão; havemos de tirar-te esse resfriado e vou arranjar as coisas de modo que teus amigos repiquem por ti. Não há mais ninguém?

SHALLOW — Foram chamados dois a mais do número; mas só deveis escolher quatro, senhor; e, com isso, convido-vos para cear comigo.

FALSTAFF — Tomarei apenas um trago; não posso ficar para a ceia. Alegra-me revê-lo, mestre Shallow; palavra de honra.

SHALLOW — Oh, Sir John! Ainda vos lembrais da noite que passamos no moinho de vento do campo de São Jorge?

FALSTAFF — Não falemos mais nisso, bom mestre Shallow; não falemos mais nisso.

SHALLOW — Ah! Que noite alegre! Ainda vive a Jane Nightwork?

FALSTAFF — Vive, mestre Shallow.

SHALLOW — Ela não passava sem mim.

FALSTAFF — Não passava, mesmo; estava sempre a dizer que não suportava o mestre Shallow.

SHALLOW — E como eu sabia deixá-la enfurecida! Naquele tempo ela era uma boa rapariga. Ainda está bem conservada?

FALSTAFF — Velha, velha, mestre Shallow.

SHALLOW — Tem de estar velha, mesmo; não há por onde escolher; sim, decerto está velha. Teve a Robin Nightwork do velho Nightwork antes de eu entrar para a Escola de São Clemente.

SILÊNCIO — Lá se vão já cinqüenta anos.

SHALLOW — Ah, primo Silêncio, se tivésseis visto o que eu e este cavaleiro vimos! Não é verdade, Sir John?

FALSTAFF — Ouvimos os carrilhões da meia-noite, mestre Shallow.

SHALLOW — Ouvimos, ouvimos, Sir John; é verdade, ouvimos mais. Tínhamos como senha: "Hê rapazes!" E agora vamos comer. Jesus! Que dias nós vimos! Vamos, vamos.

(*Saem Falstaff, Shallow e Silêncio.*)

BEZERRO — Bom mestre caporal Bardolfo, sede meu amigo; aqui tendes quatro henriques de dez xelins em moeda francesa. Para dizer a verdade, senhor, gosto tanto de ser enforcado como de seguir para a guerra. Não é que eu me importe de ir; mas é que não tenho desejo disso,

além de que, por minha parte, prefiro ficar com os meus amigos. Não fosse isso, senhor, de minha parte pouco se me dava.

BARDOLFO — Bem; passa para este lado.

MOFADO — Meu bom mestre sargento capitão, pela saúde de minha velha patroa, interceda também a meu favor. Quando eu me for, ela ficará sem ninguém a seu lado para ajudá-la; já está muito velha; não pode fazer nada. Dou-vos quarenta xelins, senhor.

BARDOLFO — Bem; passa para cá.

FRACO — Para mim, tanto faz; a gente só morre uma vez; devemos uma morte a Deus. Não me rebaixarei; se for esse o meu destino, bem; se não for, bem. Ninguém é demasiado bom para servir ao príncipe; tome o caminho que tomar, quem morrer este ano ficará quite para o próximo.

BARDOLFO — Muito bem dito; és um rapaz de coragem.

(*Voltam Falstaff, Shallow e Silêncio.*)

FALSTAFF — Vejamos, senhor: quais são os homens que eu devo levar?

SHALLOW — Quatro, a vosso critério.

BARDOLFO (*à parte, a Falstaff*) — Uma palavra, senhor: recebi três libras para deixar livres a Mofado e a Bezerro.

FALSTAFF (*à parte, a Bardolfo*) — Está bem; podes ir.

SHALLOW — Vejamos, Sir John; quais são os quatro que escolheis?

FALSTAFF — Escolhei vós por mim.

SHALLOW — Nesse caso, escolho Mofado, Bezerro, Fraco e Sombra.

FALSTAFF — Mofado e Bezerro: vós, Mofado, ficai em casa até que vos torneis imprestável para o serviço; no que vos respeita, Bezerro, crescei, até ficardes em condições; não quero nenhum de vós.

SHALLOW — Sir John, Sir John, não vos prejudiqueis! Esses dois são justamente os mais capazes. O meu desejo é que fiqueis bem servido.

FALSTAFF — Mestre Shallow, quereis ensinar-me a escolher homens? Importam-me, acaso, os membros, os nervos, a estatura, o volume e o aspecto grandalhão de uma pessoa? Dai-me o espírito, mestre Shallow. Aqui tendes o Verruga! Vede que aparência andrajosa ele apresenta; pois é certeza que ele vos carregará e descarregará uma arma com a presteza de um

martelo de picheleiro; irá daqui para ali com a rapidez de quem enforca o balde de cerveja na manivela. E aquele vosso amigo de meia cara apenas, o Sombra! Dai-me esse. Um homem assim não oferece alvo ao inimigo, para quem tanto faz apontar nele como no fio de um canivete. E numa retirada! Com que presteza este indivíduo fraco passará pelo alfaiate de senhoras! Oh! dai-me apenas homens insignificantes, que para mim os grandalhões nada significam. Põe-me um arcabuz na mão de Verruga, Bardolfo.

BARDOLFO — Assim, Verruga; apontar! Assim, assim.

FALSTAFF — Manobrai-me vosso arcabuz. Assim, muito bem. Outra vez! Excelente! Oh! dêem-me só atiradores pequenos, magros, velhos, ossudos e sem cabelo. Perfeitamente, Verruga; és um bicho. Toma lá um tostão.

SHALLOW — Ele não entende do ofício; não sabe manobrar direito. Lembra-me que no prado de Mile-end, quando eu cursava a Escola de São Clemente — nesse tempo eu fazia o papel de Sir Dagonet na pantomima de Artur — havia um rapazinho lesto, que vos manejava a peça deste modo: fazia meias-voltas sucessivas, ia para lá, tornava a vir, “rata-tá”, dizia ele, “bum!” dizia ele, e tornava a ir, e tornava a vir. Nunca mais encontrei ninguém como ele.

FALSTAFF — Estes aqui servirão muito bem, mestre Shallow. Deus vos guarde, mestre Silêncio. Não desperdiçarei palavras convosco. Ficai com Deus, cavalheiros. Agradeço-vos. Ainda tenho de andar doze milhas esta noite. Bardolfo, dá farda a estes soldados.

SHALLOW — Sir John, o céu vos abençoe e faça prosperar vossos negócios. Deus vos dê paz. De volta, aparecei em nossa casa; renovemos nossa velha amizade; é provável que eu vá convosco à corte.

FALSTAFF — É o que eu desejo também, mestre Shallow.

SHALLOW — Parti, já disse tudo; Deus vos acompanhe.

FALSTAFF — Adeus, gentis cavalheiros.

(*Saem Shallow e Silêncio.*)

Vamos, Bardolfo; leva esses homens.

(*Saem Bardolfo, os recrutas, etc.*)

Quando eu voltar, pretendo sondar esses juizes; já vi o fundo do juiz Shallow. Oh, Senhor, Senhor! Quão sujeitos estamos os velhos ao vício da mentira! Este mesmo juiz faminto nada mais fez do que dar à língua a respeito de suas loucuras da mocidade e de suas proezas na rua

Turnbull; não dizia três palavras sem uma mentira, que pagava ao ouvinte com maior pontualidade do que a do tributo do Turco. Lembro-me dele em São Clemente, como uma dessas figuras feitas depois das refeições com a casca do queijo; sem roupa, parecia um rabanete partido, em que se houvesse cortado com faca uma cabeça fantástica. Era tão franzino, que uma pessoa de pouca vista não podia distingui-lo; verdadeiro gênio da fome. No entanto, lascivo como macaco; as mulheres da vida alegre lhe chamavam Mandrágora; andava sempre na retaguarda da moda e cantava a suas companheiras mais do que engraxadas as cantigas que ouvia dos carreteiros, jurando que eram invenções próprias ou serenatas. E agora temos esta espada de Arlequim feito proprietário; fala de João de Gaunt com a familiaridade de um irmão de armas. Estou a jurar que só o viu uma vez, no campo de justas, quando lhe partiram a cabeça por ter ido meter-se entre os homens do marechal. Vi-o nessa ocasião, e disse a João de Gaunt que estavam batendo em seu próprio nome, porque poderíeis metê-lo em uma pele de enguia com todos os seus pertences. O estojo de um oboé lhe serviria de casa, verdadeiro palácio. No entanto, agora possui terras e gado. Muito bem; se eu voltar, estreitaremos relações; e não terei sorte se não o transformar em dupla pedra filosofal para meu uso. Se salmonete novo é

comida de primeira para lúcio velho, não encontro nenhuma razão na lei da natureza para que eu não possa engoli-lo. Quando chegar a ocasião, já tudo estará feito.

(*Sai.*)

ATO IV

CENA I

Uma floresta em Yorkshire. Entram o arcebispo de York, Mowbray, Hastings e outros.

ARCEBISPO — Como se chama esta floresta?

HASTINGS — Chama-se floresta de Gaultree, com permissão de Vossa Graça.

ARCEBISPO — Aqui ficai, milordes, e espias enviai, a fim de o número sondar dos inimigos.

HASTINGS — Já o fizemos.

ARCEBISPO — Ótima providência. Meus amigos, meus irmãos neste grave empreendimento, devo dar-vos a nova de ter cartas recém-datadas de Northumberland. Esta é a substância, o tom e o assunto frio: desejara aqui estar com força digna de sua posição; mas impossível lhe foi reuni-la, e, conseguintemente, foi esperar na Escócia que a ventura crescente ali madure. Ardentes votos envia, ao terminar, para

que vossos esforços a melhor sobre o azar levem e o encontro temeroso do inimigo.

MOWBRAY — Desta arte as esperanças que sobre ele fundávamos, se esfazem totalmente.

(*Entra um mensageiro.*)

HASTINGS — Que novidades há?

MENSAGEIRO — A menos de uma milha a oeste da selva, em boa forma, o inimigo se aproxima; pelo espaço que ocupam, faço o cálculo de serem trinta mil ou pouco menos.

MOWBRAY — Exatamente quanto calculamos. Vamos ao seu encontro na planície.

(*Entra Westmoreland.*)

ARCEBISPO — Que chefe tão armado se aproxima?

MOWBRAY — Lorde de Westmoreland, se não me engano.

WESTMORELAND — Saudações cordiais do general de nossas forças, Lorde João, Príncipe e Duque de Lencastre.

ARCEBISPO — Sem receio, Lorde de Westmoreland, nos revelai o fim de vossa vinda.

WESTMORELAND — Então, milorde, é sobretudo a vós que ora dirijo a substância de todo o meu discurso. Viesse esta rebelião, em si coerente, com multidões abjetas e sem crédito, inspirada na cólera, trazida por uma juventude sanguinária, e apoiada por moços e mendigos; se tão maldita comoção, repito, desta arte aparecesse, em seu feitio mais próprio e natural, na forma inata, vós, reverendo padre, e estes fidalgos não seríeis aqui para vestirdes os feios traços da sangrenta e baixa revolução com vossa alta aparência. E vós, Lorde Arcebispo, cuja sede sob a paz se conserva, cuja barba pela argentina mão da paz foi benta, que à paz deveis a ciência e as belas-letras, que refletis nas vestes a inocência, a pomba e o santo espírito da paz, por que tão mal vos traduzis da língua da paz, que tanta graça nos sugere, na da guerra tão áspera e violenta, transformando em perneiras vossos livros, em sangue vossa tinta, em lança a pena, e a linguagem divina da trombeta barulhenta que soa para a guerra?

ARCEBISPO — Por que faço isso? E fácil responder-vos à questão. Todos nós estamos doentes; a lascívia e os excessos nos causaram febre ressecadora, que reclama sangria muito urgente. Dessa doença foi que morreu Ricardo. Mas meu nobre Lorde de Westmoreland, eu não pretendo que me tomeis por médico nesta hora, nem é na qualidade de inimigo da paz que a

homens armados me incorporo; se assumo esta aparência por instantes, é com o fim de cuidar de almas que sofrem e remover as obstruções que as veias da vida nos ameaçam. Serei claro: em balança imparcial pesei os males que podemos causar e os sofrimentos que vimos suportando, e achamos que estes pesam mais do que tudo o que fizermos. Vemos a direção que o tempo toma: é a rude correnteza da ocasião que nos tira de nossa esfera quieta. Já se acham sumariadas nossas queixas; no momento oportuno esses artigos serão apresentados, o que, há muito, pudéramos ter feito, se o monarca não se houvesse esquivado de escutar-nos. Se injustiça sofremos e queremos expor-lhe as nossas mágoas, vemos logo vedado o acesso à sua pessoa, pelos mesmos que mais prejuízos nos causaram. Os perigos dos dias mais chegados — cuja memória a terra ainda conserva com sangue bem visível — e os exemplos de todos os minutos, casos de hoje, a estas armas impróprias nos levaram, não para a paz romper ou um de seus ramos, mas para que uma paz aqui fundemos em que concorra o nome e a qualidade.

WESTMORELAND — Quando vos foi negada, acaso, audiência? Em que vos tem magoado o soberano? Que par foi subornado em vossa perda, para o selo divino colocardes neste livro ilegal de uma sangrenta rebelião, consagrando o fio amargo da arma das comoções e das revoltas?

ARCEBISPO — Dos malfeitos ao Estado e das crueldades infligidas ao meu irmão de sangue faço o assunto de minhas próprias queixas.

WESTMORELAND — Não cabe desagravo algum; mas mesmo que fosse o caso, a vós tal não compete.

MOWBRAY — Por que a ele não, em parte, e aos outros todos que sentimos os golpes do passado e mais ainda sofremos no presente, cuja mão grave e injusta calca sobre nossa honra postergada?

WESTMORELAND — Ó meu bom Lorde Mowbray, julgai o tempo pelos fatos e concluireis, sem dúvida, que é o tempo, não o rei, que vos faz tais injustiças. Contudo, enquanto a vós, quer parecer-me que nem o tempo, nem o rei vos deram um nada de terreno em que pudésseis construir alguma queixa. Não vos vistes reintegrado na posse dos domínios do Duque de Norfolk, vosso mui digno genitor, de colenda e alta memória?

MOWBRAY — Em que meu pai perdera na honra, para que fosse necessário eu reanimá-la? Por injunções do Estado, o rei, que o amava, a expatriá-lo se viu, então, forçado. E isso quando? Quando ele e Bolingbroke, montados ambos, ambos já nas selas, os cavalos nitrindo sob a espora, no riste as lanças, as vizeiras caídas,

faiscando os olhos pelas fendas de aço, e a sonora trombeta o estimulá-los... Nessa hora, quando nada mais podia desviar de Bolingbroke a lança aguda de meu pai, deixou o rei cair por terra seu bastão de comando. A própria vida, com o bastão, de si mesmo ele arrojava; condenava-se, assim, e a todos quantos, à espada ou por sentença, sob o peso de Bolingbroke, até hoje pereceram.

WESTMORELAND — Falais, Lorde Mowbray, do que ignorais. O Conde de Hereford era então tido como o par mais valente da Inglaterra. Como saber a quem teria a sorte sorrido então? Mas, ainda que a vitória vosso pai alcançasse, chegaria de Coventry a sair ele com vida? De modo unânime o país o odiava; todas as preces dele e todo o afeto objetivavam Hereford, que o povo abençoava e endeusava sobre tudo, muito mais do que o próprio soberano. Mas com isso me afasto do meu ponto. Venho em nome do príncipe somente para ouvir vossas queixas e dizer-vos que Sua Graça vos concede audiência. Se vossas exigências forem justas, serão logo atendidas, esquecendo-se quanto possa inquinar-vos de inimigos.

MOWBRAY — Essa oferta, nós mesmos lha impusemos; não o move o amor, apenas a política.

WESTMORELAND — Mowbray, muita arrogância isso revela; vem da demência a oferta, não do medo. Vede que, perto, nossos homens se acham, e, por minha honra! todos mui confiantes para darem guarida ao pensamento, sequer, do medo. Nomes mais ilustres se vêem em nossas filas; nossos homens no manejo das armas são mais destros; são como as vossas, nossas armaduras; nossa causa, melhor. Temos, portanto, razão de estar deveras animados. Não digais que é forçada a nossa oferta.

MOWBRAY — Não deve haver acordo, é o que eu proponho.

WESTMORELAND — Isso prova a consciência da injustiça; uma causa ruim não sofre exame.

HASTINGS — Tem o Príncipe João plenos poderes de seu pai, e irrestrita autoridade para ouvir-nos e, após, apresentar-nos as condições que o caso lhe sugira?

WESTMORELAND — Isso está compreendido no seu título de general; admira tal pergunta.

ARCEBISPO — Nesse caso, milorde Westmoreland, recebei esta cédula, em que se acham expostas nossas queixas. Seus artigos devem ser atendidos pontualmente; todos os implicados nesta causa, daqui ou de alhures, devem ser perdoados por maneira sincera e

insofismável. E que logo nos seja assegurada a execução de quanto objetivamos. Então reingressaremos nos limites veneráveis da lei, para nos braços da paz nossos poderes enlaçarmos.

WESTMORELAND — Mostrarei tudo ao general. Milordes, se concordardes, falaremos, ainda, à vista dos dois campos. Praza a Deus que paz firmemos; do contrário, as armas decidirão lá mesmo a diferença.

ARCEBISPO — Milorde, assim faremos.

(*Sai Westmoreland.*)

MOWBRAY — Algo na alma me diz que as condições apresentadas não podem ser duráveis.

HASTINGS — Não o temais; se pudermos concluir a paz em termos tão amplos e absolutos como o exigem as nossas condições, há de ser firme nossa paz como a rocha da montanha.

MOWBRAY — Sim; mas de tal maneira hão de julgar-nos, que o mais leve pretexto e o mais fortuito, o motivo mais vão, trivial e fútil, ao rei farão lembrar nossa revolta. Embora como mártires provássemos nossa lealdade, com tão rude vento seríamos joeirados, que até mesmo nosso grão subiria como palha, sem que o bom do ruim se distinguisse.

ARCEBISPO — Não, não, milorde; ouvi-me; o rei está farto de tantas queixas vãs e complicadas; já viu que sufocar uma com a morte, é despertar duas outras mais pujantes nos herdeiros da vida. Esse o motivo de agora ele querer limpar as telas da memória, expungindo aí as lembranças que lhe possam mostrar a todo instante seus desastres passados, pois bem sabe que é impossível carpir todo o terreno de quanto lhe sugere a suspicácia. De tal maneira amigos e inimigos se encontram vinculados, que tentando um destes arrancar, abala aqueles. Desta arte a terra toda é como esposa provocadora que o irritasse ao máximo e que, ao ser castigada, lhe mostrasse seu próprio filho, a pena suspendendo do braço que devia executá-la.

HASTINGS — Além do mais, o rei gastou suas varas nos últimos culpados, o que implica não ter mais instrumentos de castigo. Seu poder, como leão sem garras, pode apenas ameaçar, atacar, não.

ARCEBISPO — É verdade; por isso, meu bom Lorde Marechal, ficai certo de que se hoje resolvermos o caso, a paz firmada há de ser como um membro fraturado que se mostra mais forte após a cura.

MOWBRAY — Antes assim. Mas eis que vem de volta Lorde de Westmoreland.

(*Torna a entrar Westmoreland.*)

WESTMORELAND — O príncipe está à mão; fora do agrado de Vossa Senhoria a igual distância de nossas forças entender-se com ele?

MOWBRAY — Que Vossa Graça de York, então, em nome de Deus tome a dianteira.

ARCEBISPO — Antes, milorde, cumprimentai Sua Graça; já chegamos.

(*Saem.*)

CENA II

Outra parte da floresta. Entram, por um lado, Mowbray, o arcebispo, Hastings e outros; pelo outro lado, João de Lencastre, Westmoreland, oficiais e séquito.

LENCASTRE — Primo Mowbray, sois mui bem-vindo aqui; bom dia, meu gentil Lorde Arcebispo, e a vós também, Lorde Hastings, e a vós todos. Milorde de York, tínheis melhor vista, quando vosso rebanho, ao som dos sinos, vos circundava, para, reverentes, ouvir-vos comentar o texto sacro, de que nessa armadura que vos cinge, a animar multidão de rebelados, ao rufo dos tambores, transmudando em morte a vida, em armas a palavra. Quem reside no peito de um monarca e à luz do seu favor amadurece, quando chega a abusar dessa confiança, que de estragos não causa, acobertado por tamanha grandeza! O mesmo, Lorde Bispo, se dá convosco. Quem não sabe que nos livros de Deus sois mui profundo? Como orador de seu congresso sempre vos tivemos, a voz do próprio Deus, o intérprete, o acatado intermediário entre a graça do céu, com

seus favores, e os nossos rudes feitos. Quem previra que iríeis abusar da reverência de vossa posição; a ajuda e a graça do céu malbaratando, como um falso cortesão que usa o nome do monarca para atos pouco honrosos? Sublevastes, sabendo aparentar o amor de Deus, os súditos de seu representante, meu pai; é contra a paz do céu, contra ele, que ora os amotinais.

ARCEBISPO — Meu caro Lorde de Lencastre, não vim como inimigo da paz de vosso pai; mas, como disse a Lorde Westmoreland, foi a desordem simplesmente do tempo, em sentido amplo, que nos reuniu, sob esta forma insólita, em defesa de nossa liberdade. Já enviei a Vossa Graça a relação minuciosa de todos os agravos — com desdém pela corte repelidos — causa de haver nascido a hidra da guerra. Mas é possível encantar-lhe os olhos ameaçadores, com satisfazerdes nossas reclamações legais e justas; a obediência sincera, então, curada, virá, mansa, curvar-se ante a realeza.

MOWBRAY — Caso contrário, a sorte tentaremos até o último soldado.

HASTINGS — E se tombarmos, teremos quem nos leve adiante a empresa, como outros o terão, se fracassarem, o que fará nascer uma seqüência de insurreições, que de um para outro herdeiro

fará passar a luta, enquanto houver gerações sobre o solo da Inglaterra.

LENCASTRE — Sois bem pouco profundo, Hastings, bem pouco, para a sonda lançardes no futuro.

WESTMORELAND — Dir-nos-á Vossa Graça, sem rebuços, o que pensais de nossas pretensões?

LENCASTRE — Aceito todas elas e as aprovo; e juro aqui, pela honra de meu sangue, que meu pai não tem sido compreendido; muitos dos seus validos lhe adulteram, com freqüência, a opinião e a autoridade. Vossas queixas, milorde, por minha alma, serão sanadas. Se isso vos agrada, reenviai para suas terras vossas forças, como vamos fazer também com as nossas. E aqui, entre os exércitos, bebamos cordialmente e abracemo-nos, a fim de que todos os olhos levar possam para casa o penhor de nosso afeto renovado e do amor que aqui se afirma.

ARCEBISPO — A palavra de um príncipe me basta.

LENCASTRE — Dou-vos minha palavra e hei de mantê-la. E ora bebo à saúde de vós todos.

HASTINGS (*a um oficial*) — Transmiti, capitão, a nossos homens essas novas de paz;

que sejam pagos e se dispersem. Sei que a nova a todos agradará. Depressa, capitão!

(*Sai o oficial.*)

ARCEBISPO — A vós, meu nobre Lorde Westmoreland!

WESTMORELAND — Também à Vossa Graça. Se soubésseis que de esforço esta paz me vem custando, beberíeis à larga; mas espero que o meu amor se vos revele em pouco mais claramente.

ARCEBISPO — Não me inspirais dúvida.

WESTMORELAND — Alegro-me sabê-lo; e ora à saúde de milorde Mowbray, meu gentil primo.

MOWBRAY — Desejais-me saúde em tempo azado, porque me sinto agora algo indisposto.

ARCEBISPO — Na véspera de um mal, fica-se alegre, mas a tristeza inculca eventos gratos.

WESTMORELAND — Alegrai-vos, portanto, primo, que essa tristeza apenas diz: Boas notícias chegarão amanhã.

ARCEBISPO — Acreditai-me, hoje eu me sinto muito bem disposto.

MOWBRAY — Tanto pior, se for certa a vossa máxima.

(*Ouvem-se aclamações.*)

LENCASTRE — A paz foi anunciada; ouvem-se vivas.

MOWBRAY — Mais ruidosos seriam, se tivéssemos vencido.

ARCEBISPO — A paz é como uma conquista: com nobreza as duas partes se submetem; nenhuma delas perde.

LENCASTRE — Ide, milorde, e dispersai também o nosso exército.

(*Sai Westmoreland.*)

E, meu bom lorde, se acordais, façamos desfilar ante nós ambas as tropas, porque vejamos que homens nós teríamos de combater.

ARCEBISPO — Ide, meu bom Lorde Hastings, fazei-os desfilar antes de se irem.

(*Sai Hastings.*)

LENCASTRE — Espero, lordes, que hoje à noite havemos de dormir juntos.

(*Volta Westmoreland.*)

Primo, por que causa ainda se acha parado o nosso exército?

WESTMORELAND — Os chefes, aos quais destes outras ordens, não querem dispersar sem vos ouvirem.

LENCASTRE — Conhecem seu dever.

(*Volta Hastings.*)

HASTINGS — Milorde, nossas forças já se foram. Como novilhos livres, debandaram para este, oeste, norte e sul; ou como crianças depois da escola, correm todos em direção de casa ou dos folguedos.

WESTMORELAND — Boas novas, Lorde Hastings. Como prêmio, eu te prendo, traidor de alta traição; e vós, Lorde Arcebispo, e vós, Mowbray, por traição capital a ambos detenho.

MOWBRAY — Semelhante conduta é justa e honrosa?

WESTMORELAND — Vossa sublevação o é, por acaso?

ARCEBISPO — Faltareis, desse modo, ao juramento?

LENCASTRE — Não jurei coisa alguma; apenas disse que iria corrigir alguns abusos de que vos lamentáveis. Por minha honra! com consciência cristã hei de fazê-lo. Mas vós, rebeldes, heis de ter a paga que se deve à traição

e a atos quejandos. Com simpleza a esses homens aliciastes, e ora mais loucamente os dispersastes. Persigamo-los, pois! Toca a rebate! Não somos nós, é Deus que hoje combate. Para o cepo os traidores sigam breve, que é o leito onde a traição expirar deve.

(*Saem.*)

CENA III

Outra parte da floresta. Rebate. Movimento de tropas. Entram Falstaff e Colevile, e se encontram.

FALSTAFF — Qual é o vosso nome, senhor? Qual a vossa condição? De que lugar sois, por obséquio?

COLEVILE — Sou um cavaleiro, senhor; chamo-me Colevile do Vale.

FALSTAFF — Muito bem; Colevile é o vosso nome; cavaleiro, vosso título e o vale o vosso lugar. Pois Colevile ficará sendo o vosso nome para sempre, traidor o vosso título e o calabouço vosso lugar, aliás, lugar bem fundo: desse modo continuareis sendo Colevile do vale.

COLEVILE — Não sois Sir John Falstaff?

FALSTAFF — Tão bom quanto ele, senhor, seja eu quem for. Ides render-vos, senhor, ou será que terei de suar por vossa causa? Mas se eu suar, hão de ser lágrimas de teus amigos no

pranto de tua morte. Por isso, desperta o medo e o tremor e entrega-te à minha clemência.

COLEVILE — Penso que sois Sir John Falstaff; e nessa crença me entrego.

FALSTAFF — Carrego nesta pança uma escola de línguas, e nenhuma delas sabe pronunciar outra palavra além do meu nome. Se eu tivesse um ventre como todo o mundo, seria o camarada mais ativo da Europa. Esta pança, esta pança é que me prejudica. Aí vem o nosso general.

(*Entram João de Lencastre, Westmoreland, Blunt e outros.*)

LENCASTRE — Passou o calor; mais longe não os sigamos; bom primo Westmoreland, chamai as tropas.

(*Sai Westmoreland*)

Onde andastes, Falstaff, todo esse tempo? Quando tudo termina é que chegais. Por minha vida, essas graçolas hão de qualquer dia quebrar alguma forca.

FALSTAFF — Causar-me-ia grande pesar, milorde, se tal não acontecesse, pois tenho observado que as censuras e reprimendas sempre foram a recompensa do valor. Tomais-me por uma andorinha, uma flecha ou uma bala?

Disponho, por acaso, na minha pobre e velha mobilidade, da rapidez do pensamento? Corri até aqui sem o atraso de uma polegada; estrompei cento e oitenta cavalos de posta, e, apesar disso, ao chegar aqui, com todas estas pinturas do caminho, e com o meu valor puro e imaculado aprisionei Sir John Colevile do Vale, cavaleiro furiosíssimo e inimigo dos mais bravos. Mas, para que insistir? Bastou ver-me, para entregar-se, de forma que, com toda a justiça, poderia dizer como o Romano de nariz de gancho: cheguei, vi e venci.

LENCASTRE — Isso foi mais cortesia dele do que valor vosso.

FALSTAFF — Não saberei dizê-lo; aqui está ele e aqui vo-lo entrego. Suplico a Vossa Graça que esta façanha seja devidamente anotada com os demais feitos do dia; caso contrário, por tudo o que há, mandarei compor uma balada especial, com meu retrato no alto e Colevile beijando-me os pés. Se chegar a esse ponto e todos vós não ficardes ao meu lado como moedas de dois pences, enquanto eu brilhar no claro céu da fama, ofuscando-vos como faz a lua cheia com as chispas do firmamento, que ao seu lado não passam de cabeças de alfinete, podeis descrer da palavra de um fidalgo. Por isso, concedei-me o meu direito e deixai subir o merecimento.

LENCASTRE — O teu é pesado demais para subir.

FALSTAFF — Então, deixai-o brilhar.

LENCASTRE — É demasiado espesso para isso.

FALSTAFF — Fazei qualquer coisa, meu bom lorde, que me seja favorável, e dai-lhe o nome que vos aprouver.

LENCASTRE — Teu nome é Colevile?

COLEVILE — Sim, milorde.

LENCASTRE — És um rebelde famoso, Colevile.

FALSTAFF — E foi um súdito famosamente leal que o aprisionou.

COLEVILE — Sou, senhor, o que são os superiores que aqui me conduziram. Fossem eles por mim trazidos, e a vitória, certo, vos teria custado bem mais caro.

FALSTAFF — ignoro por quanto se venderam; mas o que é certo é que tu, como bom camarada, te entregaste de graça; agradeço-te a pessoa.

(*Volta Westmoreland.*)

LENCASTRE — Mandastes recolher os nossos homens?

WESTMORELAND — Já se retiram; finda está a matança.

LENCASTRE — Enviai logo para York a Colevile com os demais companheiros, para serem executados sem detença. Blunt, fica ele a vosso cargo; sede atento.

(*Saem Blunt e outros, com Colevile.*)

Ora, milorde, vamos para a corte; soube que o rei meu pai se acha bem doente. Devem antecipar-nos as notícias, cabendo a vós, meu primo, transmiti-las a Sua Majestade; seguiremos com sóbria rapidez em vosso encalço.

FALSTAFF — Eu desejaria permissão, milorde, de ir por Gloucestershire e que me fôsseis na corte bom senhor, enaltecendo-me.

LENCASTRE — Adeus, Falstaff; em minha qualidade direi mais do que cabe ao vosso mérito.

(*Saem todos, menos Falstaff.*)

FALSTAFF — Só desejara que tivesses espírito; valeria mais do que o teu ducado. Por minha fé, esse moço de sangue frio não me tem afeição. Nada o faz sorrir; mas isso não admira; não bebe vinho. Os jovens de temperamento

muito sisudo jamais dão coisa que preste; a sobriedade no beber e o excesso de peixe na comida, de tal jeito lhes esfria o sangue, que caem em uma espécie de anemia masculina, só gerando filhas, depois de casados. No mais das vezes são estúpidos e covardes, o que também seríamos, se não nos inflamássemos. Um bom copo de xerez é de duplo efeito; sobe-me ao cérebro, seca-me ali todos os vapores tontos, obtusos e ásperos que o envolvem, deixando-o sagaz, vivo, imaginoso, cheio de formas leves, petulantes e deleitosas, que, entregues à voz, recebem vida da língua e se convertem em excelente espírito. A segunda propriedade do vosso excelente xerez é a de aquecer o sangue, que, por ser naturalmente frio e pesado, deixa o fígado branco e pálido, sinal certo de pusilanimidade e covardia; mas o xerez o aquece e o faz correr do interior para as partes extremas, ilumina o rosto, que, como farol que é, chama às armas a esse pequenino reino denominado homem. E então todos os moradores e os pequenos espíritos da província se congregam em torno do seu chefe, o coração, que, aumentado e envaidecido com o cortejo, se torna capaz de qualquer empreendimento de valor. Todo esse valor vem do xerez, a tal ponto que a habilidade no manejo das armas de nada vale sem o xerez, que é o que a põe em movimento. O saber não é mais do que uma mina de ouro guardada por um

demônio, que só vale depois que o xerez a explora e a põe em obra e uso. E daí que vem a valentia do príncipe Harry, porque o sangue frio que ele herdou naturalmente do pai, tal como terreno mesquinho, desnudo e estéril, foi por ele lavrado, adubado e cultivado com o excelente esforço de beber grandes e grandes quantidades do fértil xerez, que deixou o príncipe ardente e valoroso. Se eu tivesse mil filhos, o primeiro princípio humano que lhes inculcava, seria absterem-se de bebidas fracas e entregarem-se ao xerez.

(*Entra Bardolfo.*)

Então, Bardolfo?

BARDOLFO — O exército foi licenciado e já se dispersou.

FALSTAFF — Deixa-los. Irei por Gloucestershire, onde pretendo visitar mestre Roberto Shallow, esquire. Já o amolguei um tanto entre o polegar e o indicador; dentro de pouco lhe porei o meu selo. Vamo-nos.

(*Saem.*)

CENA IV

Westminster. Sala de Jerusalém. Entram o Rei Henrique, Clarence, Gloster, Warwick e outros.

REI HENRIQUE — Se Deus, milordes, permitir bom êxito ao debate que sangra em nossas portas, decidimos levar os nossos moços a mais altas campanhas e somente fazer uso de espadas consagradas. A postos está a armada, as forças prontas, investido quem deve substituir-nos, tudo, em suma, conforme o desejamos. Só de força pessoal é que careço; assim, descansaremos até que esses rebeldes ao governo se submetam.

WARWICK — Coisas que, certo, a Vossa Majestade mui breve hão de alegrar.

REI HENRIQUE — Humphrey, meu filho de Gloster, onde se acha o vosso irmão?

GLOSTER — Penso que foi caçar, milorde, a Windsor.

REI HENRIQUE — E quem o acompanhou?

GLOSTER — Não sei, milorde.

REI HENRIQUE — E Tomás de Clarence, está com ele?

GLOSTER — Não, milorde; esse se acha aqui presente.

CLARENCE — Que deseja de mim meu pai e senhor?

REI HENRIQUE — Apenas o teu bem, Tomás Clarence. Por que longe te encontras de teu irmão? Ele te ama, e tu dele te deslembras; em seu afeto tens mais alto posto do que os outros irmãos; conserva-o, filho. Desta arte preencherás o nobre ofício de mediador, após a minha morte, entre os outros irmãos e sua grandeza. Não o evites, portanto; não embotes seu amor, nem desprezes as vantagens de sua graça, por frio pareceres ou mesmo indiferente a seus desejos, pois quando procurado, ele é atencioso; sempre tem uma lágrima voltada para a piedade, e, aberta como o dia, sempre a sua mão à caridade é afeita. Não obstante, irritado é como pedra, sombrio como o inverno e tão violento como no amanhecer rajada fria. Estuda-lhe o temperamento, exprobra-lhe os defeitos, mas faze-o com cordura, quando o vires de humor propenso à graça; irritado, porém, solta-lhe a linha, té que as paixões, como baleia em seco, debatendo-se, parem. Aprende isso, Tomás, para que possas transformar-te em amparo eficaz de

teus amigos, o laço de ouro que os irmãos te prenda, porque o vaso comum do vosso sangue com o veneno de estranha sugestão — o que há de vir com o tempo — não se turve, ainda que tenha ação tão poderosa como o acônito e pronta como a pólvora. CLARENCE — Cuidarei dele com carinho e amor.

REI HENRIQUE — Tomás, por que não te achas com ele em Windsor?

CLARENCE — Ora lá não está; vai cear em Londres.

REI HENRIQUE — E os companheiros, sabes quais são eles?

CLARENCE — Os companheiros? Poins e os mais de sempre.

REI HENRIQUE — Terra boa é sujeita a muita praga; ele, imagem mui nobre de mim mesmo, por elas invadido ora se encontra. Eis porque muito além da hora da morte minha dor se prolonga. O sangue em lágrimas me sai do coração, quando me esforço por figurar os dias de extravio e a corrupção que haveis de presenciar, quando eu dormir com meus antepassados. Carecendo de freio os seus excessos, quando a cólera e o sangue ardente forem seus conselheiros únicos, e os meios a prodigalidade

estimularem, com que asas seus pendores hão de alçar-se para aos perigos atirá-lo e à ruína!

WARWICK — Meu gracioso senhor, não o conheceis: o príncipe só estuda os companheiros como língua estrangeira, que nos força, para ser aprendida, a buscar todos os termos imodestos; mas, sabidos que sejam, Vossa Alteza não o ignora, ficam à margem, sem nenhum emprego, em completo desdém. Como com os termos grosseiros, fará o príncipe no tempo de descortino com esses companheiros, cuja memória servirá somente de modelo, ou melhor, de exemplo vivo, com que Sua Graça há de julgar os outros, aproveitando, assim, do seu passado.

REI HENRIQUE — Raro a abelha abandona o favo feito na carniça.

(*Entra Westmoreland*)

Quem chega? Westmoreland!

WESTMORELAND — Saúde a meu bom lorde, e que outras ditas às que ora vim trazer-vos acrescentem. Oscula a mão de Vossa Graça o príncipe João, vosso filho. O bispo Scroop, Mowbray, Hastings e os outros todos, sob o jugo correcional de vossa lei já se acham. Já não há uma espada de rebelde desembainhada; a paz, por toda parte, faz brotar o seu ramo de oliveira. A maneira por que isto conseguimos, com mais

vagar lerá Vossa Grandeza neste relato certo e minucioso.

REI HENRIQUE — Ó Westmoreland! És como o pássaro estival que canta sempre na anca do inverno o nascimento do dia.

(*Entra Harcourt.*)

Olhai! Mais novas vêm chegando.

HARCOURT — De inimigos o céu proteja Vossa Majestade, e quando eles se insurgirem, que caiam como aqueles de que venho nesta hora relatar. Lorde Bardolfo, o Conde de Northumberland, com as forças inglesas e escocesas, o xerife de Yorkshire os esmagou completamente. O modo e a ordem verídica da luta neste despacho se acham consignados.

REI HENRIQUE — Por que me fazem mal tão boas novas? Nunca a Fortuna vem de mãos repletas, mas sempre escreve os termos mais bonitos com letras repulsivas; dá apetite, mas recusa a comida: é o que acontece com o pobre de saúde; ou dos banquetes a apetência retira: assim são os ricos, que vivem na fartura e não na gozam. Alegrar-me quisera com estas novas, mas a vista me foge e o mundo oscila. Sinto-me muito mal; acorrei todos!

(*Desmaia.*)

GLOSTER — Coragem, Majestade!

CLARENCE — Ó meu real pai!

WESTMORELAND — Abri os olhos, senhor; tende coragem!

WARWICK — Paciência, príncipes; sabeis que acessos como este são comuns em Sua Alteza. Afastai-vos; dai-lhe ar, que já melhora.

CLARENCE — Não, não; não poderá por muito tempo suportar essas dores. As idéias sempre em luta, e os trabalhos incessantes de tal maneira o muro que os envolve corroeram, que consegue espiar a vida através dele, ansiosa de escapar.

GLOSTER — O povo me faz medo; já observaram filhos que não têm pai, partos monstruosos da natureza. As estações se alteram, como se o ano tivesse achado meses a dormir e saltasse por sobre eles.

CLARENCE — Três marés teve o rio, sem refluxo; a gente velha, crônica dos tempos, conta que o mesmo aconteceu pouco antes de cair doente o nosso avô Eduardo.

WARWICK — Príncipes, falai baixo; o rei desperta.

GLOSTER — O fim virá depois da apoplexia.

REI HENRIQUE — Rogo-vos levantar-me e conduzir-me para outra sala. Por favor, com jeito.

(*Saem.*)

CENA V

Outro quarto. O Rei Henrique, no leito; Clarence, Gloster Warwick e outros, de pé.

REI HENRIQUE — Que não façam barulho, meus amigos, a menos que mão lenta e carinhosa música me sussurre ao lasso espírito.

WARWICK — Fiquem no quarto perto os tocadores.

REI HENRIQUE — Ponde a coroa aqui nesta almofada.

CLARENCE — Está com os olhos fundos; mudou muito.

WARWICK — Silêncio! Falai baixo.

(*Entra o príncipe.*)

PRÍNCIPE — Quem viu o Duque de Clarence?

CLARENCE — Aqui me encontro, irmão, prostrado de tristeza.

PRÍNCIPE — Como assim? Chuva dentro e nada fora? Como está o rei?

GLOSTER — Bem mal.

PRÍNCIPE — Não soube as novas? Transmiti-as.

GLOSTER — Piorou quando as contaram.

PRÍNCIPE — Se é de alegria a doença, escusa médicos.

WARWICK — Menos ruído, milordes; baixo, príncipe; vosso pai se dispõe ora a dormir.

CLARENCE — Retiremo-nos, pois, para o outro quarto.

WARWICK — Quererá Vossa Graça acompanhar-nos?

PRÍNCIPE — Não; fico aqui sentado, a cuidar dele.

(*Saem todos, menos o príncipe.*)

Por que se acha a coroa na almofada, se do leito é comparsa tão molesto? Ó desordem brilhante, áurea ansiedade, que escancaras as portas do repouso para as noites insones! Dorme com ela, mas não tão bem, nem tão profundamente como quem põe na fronte um simples gorro e fica a ressonar. Ó majestade!

oprimes quem te leva como rica armadura que, em dia muito quente, só protege abrasando. Nos portões de seu hálito vê-se uma peninha, que não se mexe; se ele respirasse, essa pena, tão leve, se movera. Meu gracioso senhor, meu pai querido! Este sono é profundo, certo; é o sono que já fez divorciar-se deste círculo de ouro a muitos monarcas da Inglaterra. Devo-te apenas lágrimas, tristezas de meu sangue, que o amor, a natureza e a ternura filial, pai extremoso, te pagarão sobejamente. Deves-me esta coroa real, que por direito de sangue e sucessão a mim me toca. Ei-la aqui posta!

(*Coloca-a na cabeça.*)

O céu que ma conserve; e ainda que o mundo inteiro toda a força num só braço gigante a reunir venha, jamais me privará desta honra avita. Como a recebo, aos meus a deixarei.

(*Sai.*)

REI HENRIQUE (*Despertando*) — Gloster! Clarence! Warwick!

(*Voltam Warwick, Gloster, Clarence e outros.*)

CLARENCE — O rei chamou?

WARWICK — Que manda Vossa Majestade? Como se encontra Vossa Graça?

REI HENRIQUE — Por que causa, milordes, me deixastes tão sozinho?

CLARENCE — O príncipe ficara aqui, senhor, resolvido a velar Vossa Grandeza.

REI HENRIQUE — O Príncipe de Gales? Onde se acha? Chamai-o; não está aqui.

WARWICK — Foi por aquela porta que se acha aberta.

GLOSTER — Não passou pelo quarto em que nós nos encontrávamos.

REI HENRIQUE — Quem tirou a coroa da almofada?

WARWICK — Estava aqui, senhor, quando saímos.

REI HENRIQUE — O príncipe a levou; ide chamá-lo. Tão apressado se acha, que com a morte confunde o meu repouso? Lorde de Warwick, chamai-o; repreendei-o.

(*Sai Warwick.*)

Sua conduta alia-se à doença, para o fim me apressarem. Vede, filhos como sois! Quão depressa a natureza se revolta, quando o ouro é o seu objetivo! E por isso que os pais, em tanta insânia, com o pensamento o sono desfizeram,

com cuidados, a mente, e, com trabalhos, os próprios ossos; e tão-só para isso acumularam montes de ouro impuro, vindos de estranhos; é para isso que eles em iniciar os filhos se afanaram nas artes e nas práticas da guerra. Enquanto, como abelhas, nós tiramos de cada flor a seiva generosa, cheias de cera as coxas, de doce mel a boca, que levamos para a colmeia, tal como a elas fazem, nos matam como prêmio. Esse gosto acre ao moribundo pai confere o ganho.

(*Volta Warwick.*)

Então, onde se encontra o que não pode esperar que sua amiga me liquide?

WARWICK — Milorde, eu fui achar no quarto próximo o príncipe a banhar o gentil rosto com lágrimas sinceras, e tomado de tão grande tristeza e tão profunda, que a própria Tirania, que só bebe sangue, se o visse ali, lavara o gládio nas gotas que dos olhos lhe corriam. Ei-lo que vem chegando.

REI HENRIQUE — E por que carregou ele a coroa?

(*Volta o príncipe.*)

Ah! Aproxima-te, Harry. Retirai-vos do quarto. porque sós ambos fiquemos.

(*Saem Warwick e os demais.*)

PRÍNCIPE. — Pensei que não tornasse mais a ouvir-vos.

REI HENRIQUE — Teu desejo era pai de tal idéia. Minha demora, eu sei, te cansa muito; tanta fome revelas de meu trono vazio, que envergaste minhas honras pouco antes de tua hora? Ah moço insano! A grandeza a que aspiras vai calcar-te. Espera apenas um momento; a nuvem de minha dignidade está sustida por um vento tão fraco, que não falta nada para fundir-se. É quase noite. Roubaste o que seria teu sem crime dentro de poucas horas; em meu leito de morte o selo pões em meus receios. Em vida demonstraste que não me amas, do que queres que eu morra convencido; nos pensamentos mil punhais escondes, que no teu pétreo coração afiaste para ferir-me no último momento. Como! Nem meia hora me concedes? Vai, pois, tu mesmo e cava-me o sepulcro; faze que os ledos sinos te anunciem que estás coroado, não que eu me acho morto. Sejam todas as lágrimas que o féretro me deveram banhar, gotas de bálsamo para santificar-te a fronte augusta; mistura-me no pó do esquecimento; entrega aos vermes quanto te deu vida; toca os meus criados, meus decretos rasga, que é chegado o momento da desordem: Henrique quinto é rei! Viva a folia! Abaixo a real grandeza! Fora, sábios conselheiros! A corte da Inglaterra vinde de toda parte preguiçosos macacos! Regiões próximas livrai-vos de vossa

escória! Se possuís rufiões que saibam blasfemar, folgar à noite, roubar, beber, dançar, cometer toda sorte de crimes por processos novos, ficai felizes, que eles vão deixar-vos! A Inglaterra vai dar duas mãos de ouro em sua tríplice infâmia; vai premiá-los com poder, honra e postos, porque Henrique, quinto de nome, vai tirar o açaimo da impudência domada, para os dentes poder cravar impune na inocência a cadela selvagem. Pobre reino, que padeces de lutas intestinas! Se meus cuidados não te libertaram de tais desordens, como hás de viver, quando for a desordem quem te assista? Voltarás à barbárie, a ser povoado de lobos, teus antigos habitantes.

PRÍNCIPE — Perdoai-me, meu senhor; mas se não fossem as lágrimas, esse úmido empecilho do meu discurso, houvera antecipado tão cruel e tão profunda reprimenda, para que não falásseis tão sentido, nem eu chegasse a ouvir-vos a esse ponto. Eis a vossa coroa. Possa o que usa a coroa imortal guardar-vos esta por muito tempo. Mas se outra valia nela descubro além da vossa honra, que não mais eu consiga levantar-me desta postura humilde, que me ensina meu espírito leal e verdadeiro, mostra exterior de minha reverência. Deus o sabe: ao chegar e convencer-me de que faltava o alento a Vossa Graça, que frio me transiu o íntimo peito! Se tudo for mentira, oh! desejara morrer agora, assim, como um perdido, sem conseguir provar ao mundo

incrédulo a troca radical que me propunha. Ao ver-vos, presumindo-vos sem vida, quase morto também de assim julgar-vos, à coroa falei, vituperando-a, como se me entendesse: “Os sobressaltos que a ti se prendem se locupletaram no corpo de meu pai; por isso, embora do melhor ouro, és ouro desprezível; outro de menos lei é mais precioso, porque como remédio à vida é grato. Tu, porém, tão formosa, honrada e célebre, devoraste o teu dono”. Assim, meu muito real suserano, amaldiçoando-a, pu-la na cabeça com o fim de experimentá-la, tal como a um inimigo que, ante os olhos, me houvesse morto o pai, querela, certo, de um muito leal herdeiro. Mas se o sangue me infeccionou de gozo ou o pensamento fez inchar pela mácula do orgulho, se em mim espírito rebelde ou fútil fez nascer um resquício do desejo de acolhida ao poder que ali se encerra, que Deus a tenha sempre distanciada de minha fronte e me converta agora no mais pobre vassalo que se ajoelha diante dela, a tremer e reverente.

REI HENRIQUE — Ó meu filho! Foi Deus quem te inspirou para levá-la, porque o amor de teu pai acrescentasses advogando tua causa desse modo. Chega-te, Henrique, assenta-te em meu leito e ouve — assim penso — os últimos conselhos que posso respirar. Deus é que sabe, meu filho, por que vielas e caminhos tortuosos eu cheguei até à coroa, não ignorando eu próprio

quão pesada me foi sempre à cabeça. Bem mais calma desce ela para ti, com mais respeito da opinião, por estar ratificada, que as manchas da conquista irão comigo para o sepulcro. Em mim, se afigurava somente honra pilhada com mão forte; tive de suportar que muita gente me fizesse lembrado o havê-lo obtido com a ajuda que me deram, causa sempre de contendas, de golpes sanguinosos, numa paz ilusória. Esses temores arrogantes — tu o sabes — arrostei-os com assaz perigo, pois o meu reinado não passou de uma cena em que essa idéia fosse desenvolvida. Minha morte vai mudar isso tudo, pois o que era compra, te passa agora por maneira mais digna, por direito hereditário. Contudo, embora estejas mais seguro, não te achas ainda firme, pois as queixas não murcharam de todo. Os meus amigos — que teus deverão ser — somente há pouco se privaram de dentes e de garras; à sua ajuda brutal devendo o trono, receava sempre vir a ser deposto pela força que tinham. Dividi-os, a fim de evitar isso, e era meu plano conduzi-los agora à Terra Santa, para que o ócio e o repouso não lhes dessem vagar de examinar-me mui de perto. Toma por norma, Henrique, ocupar esses espíritos inquietos em contendas distantes, porque a ação longe da pátria perder faça a memória do passado. Mais te diria; mas tão gastos se acham meus pulmões, que falar não me

é possível. A coroa... que Deus me perdoe à alma, e te conceda usá-la com mais calma.

PRÍNCIPE — Meu gracioso senhor, foi por vós ganha e usada; agora a obtenho; legítimo direito nela eu tenho. A defendê-la correrei primeiro, ainda mesmo que a ataque o mundo inteiro.

(*Entra João de Lencastre.*)

REI HENRIQUE — Oh! Meu João de Lencastre vem chegando.

LENCASTRE — Pai, saúde e sossego, meu real pai!

REI HENRIQUE — Sossego e paz me trazes, João, meu filho; a saúde, ai de mim! nas asas jovens já fugiu deste tronco dessangrado. Sob tua própria vista meus negócios no mundo o termo alcançam. Onde se acha milorde de Warwick?

PRÍNCIPE — Milorde de Warwick!

(*Voltam Warwick e outros.*)

REI HENRIQUE — Tem algum nome especial o quarto em que eu fui atacado de desmaio?

WARWICK — Jerusalém lhe chamam, Majestade.

REI HENRIQUE — Que Deus seja louvado! É ali que a minha vida deve acabar. Há muito fora

profetizado que em Jerusalém viria eu a morrer, tendo eu suposto vãmente que seria a Terra Santa. Levai-me para lá; que ali eu fique; nessa Jerusalém feneça Henrique.

(*Saem.*)

ATO V

CENA I

Gloucestershire. Sala em casa de Shallow. Entram Shallow, Falstaff, Bardolfo e o pajem.

SHALLOW — Por tudo o que há, senhor, não partireis esta noite. Olá, Davy!

FALSTAFF — Desculpar-me-eis, mestre Roberto Shallow.

SHALLOW — Não, não vos desculparei; não ficareis desculpado; não se admitem desculpas; não há desculpa que sirva. Olá, Davy!

(*Entra Davy*.)

DAVY — Presente, senhor!

SHALLOW — Davy, Davy, Davy, Davy, como direi? Davy... Como direi? Sim, precisamente, William, o cozinheiro; dize-lhe que venha até aqui. Não, Sir John, não sereis desculpado.

DAVY — Sim, senhor; aqueles mandatos não podem ser executados. E uma vez mais, senhor, devemos semear trigo no alqueive?

SHALLOW — Trigo vermelho, Davy. Quanto ao cozinheiro William, não há pombos novos?

DAVY — Sim, senhor. E agora aqui está a conta do ferreiro, relativa às ferraduras e os ferros do arado.

SHALLOW — Que seja conferida e paga. Não, Sir John, não tereis desculpa, Sir John.

DAVY — Além do mais, senhor, é preciso pôr alça nova no balde. É verdade, senhor, não pretendeis tirar um tanto do ordenado de William, para pagar o saco que ele perdeu no outro dia na feira de Flinckley?

SHALLOW — Responderá por isso. Alguns pombos, Davy, duas galinhas nanicas, um quarto de carneiro e algumas miudezas saborosas. Avisa William.

DAVY — O homem de guerra vai ficar aqui a noite toda, senhor?

SHALLOW — Sim, Davy; desejo tratá-lo bem. Mais vale um amigo na corte do que uma moeda na bolsa. Trata bem seus homens, Davy, porque são uns marotos de marca, e podem sujar-nos pelas costas.

DAVY — Não nos poderão sujar mais do que o fazem a si próprios, senhor, porque a roupa branca de todos eles está maravilhosamente imunda.

SHALLOW — Bem apanhado, Davy; e agora o teu serviço, Davy.

DAVY — Eu queria, senhor, que protegêsseis William Visor de Wincot, contra Clemente Perkes da Colina.

SHALLOW — Há muitas queixas, Davy, contra esse Visor; esse Visor, pelo que eu sei, é um refinado tratante.

DAVY — Concordo com Vossa Excelência que ele seja tratante, senhor; contudo, senhor, Deus não permita que um tratante não possa encontrar proteção por pedido de um amigo. Um homem de bem, senhor, pode defender-se, o que não se dá com os velhacos. Há oito anos que eu sirvo a Vossa Excelência com fidelidade; e se eu não puder, uma ou duas vezes em cada trimestre, interceder a favor de um velhaco, contra um homem de bem, é sinal de que não gozo de crédito junto de Vossa Excelência. Esse tratante é um amigo honesto; por isso, rogo a Vossa Excelência que o favoreça.

SHALLOW — Podes ir; prometo que nada lhe acontecerá. Cuida do serviço, Davy. (*Sai Davy.*)

Onde estais, Sir John? Vinde para cá; arrancai as botas. Vossa mão, mestre Bardolfo.

BARDOLFO — Alegra-me rever Vossa Excelência.

SHALLOW — Agradeço-te de coração, gentil mestre Bardolfo. (*Ao pajem.*) Bem-vindo, grande amigo. Vamos, Sir John.

FALSTAFF — Já vos sigo, bom mestre Roberto Shallow. (*Sai Shallow.*) Bardolfo, cuida dos cavalos (*Saem Bardolfo e o pajem.*) Se me serrassem em pedaços, daria quatro dúzias de bordões de eremitas barbados como mestre Shallow. É coisa admirável verificar a coerência existente entre o espírito de seus empregados e o seu: aqueles, à força de observá-lo, comportam-se como juizes tontos; ele, pelo trato com os seus homens, já se converteu em criado de juiz. Os espíritos deles todos de tal modo se casaram, pela convivência, que só andam em bandos, como patos silvestres. Se eu tivesse de fazer algum pedido a mestre Shallow, adularia seus criados somente com dizer-lhes que desfrutam da intimidade do patrão; no caso de necessitar daqueles, faria cócegas em mestre Shallow, afirmando não haver quem melhor dirija seus próprios empregados. Não há dúvida: a sabedoria e a ignorância se transmitem como as doenças; daí a necessidade de saber escolher as

companhias. Este mestre Shallow vai dar-me assunto de sobra para deixar o príncipe Harry em contínua hilaridade, durante seis modas — que eqüivalem a quatro termos ou duas ações — a rir sem intervalo. Oh! é inconcebível o que pode alcançar uma mentira secundada por juramento leve, ou uma pilhéria dita com semblante sisudo a um rapaz que nunca sofreu de dor nas espáduas. Oh! vê-lo-eis rir até que o rosto se lhe torne como capa molhada e vestida com descaso.

SHALLOW (*dentro*) — Sir John!

FALSTAFF — Já vou, mestre Shallow! Já vou, mestre Shallow!

(*Sai.*)

CENA II

Westminster. Um quarto no palácio. Entram Warwick e o Lorde Juiz.

WARWICK — Para onde ides, meu Grande Lorde Juiz?

LORDE JUIZ — Como está o rei?

WARWICK — Otimamente; as penas se acabaram.

LORDE JUIZ — Não morreu, quero crer.

WARWICK — Fez o caminho da natureza; para nós, morreu.

LORDE JUIZ — Desejara que Sua Majestade me tivesse levado; os leais serviços que em vida lhe prestei, ora me deixam exposto a toda sorte de vexames.

WARWICK — Penso que o jovem rei não vos tolera.

LORDE JUIZ — Não o ignoro, e já me acho armado para sofrer as conseqüências; ninguém pode olhar-me com mais fera catadura do que eu próprio concebo em fantasia.

(*Entram Lencastre, Clarence, Gloster, Westmoreland e outros.*)

WARWICK — Aí vem a prole do defunto Henrique. Quem nos dera que o Henrique vivo o gênio revelasse do pior destes três nobres! Quantos nobres nos postos ficariam, sem terem de arriar vela ante a gentalha!

LORDE JUIZ — Prevejo uma completa viravolta.

LENCASTRE — Bom dia, meu primo Warwick; mui bom dia.

GLOSTER e CLARENCE — Bom dia, primo.

LENCASTRE — Encontramos pessoas que perderam, parece, o uso da fala.

WARWICK — Ainda falamos; mas nossos argumentos são pesados demais para admitirem muita prática.

LENCASTRE — Que tenha paz quem nos deixou tão tristes.

GLOSTER — Ó meu bom lorde! É certo que perdestes um grande amigo. Não fingis, sem dúvida; esse aspecto tristonho é vosso, mesmo.

LENCASTRE — Conquanto ninguém saiba até que ponto cairá na graça a vossa expectativa, parece muito fria. Isso me pesa; desejara que fosse de outro modo.

CLARENCE — Ora deveis tratar Sir John Falstaff com toda a cortesia, o que é contrário à corrente de vossa dignidade.

LORDE JUIZ — Quanto fiz, caros príncipes, foi guiado pelos ditames da honra, pela norma imparcial de minha alma. Jamais heis de ver-me solicitar perdão indigno. Se a verdade e a inocência me faltarem, irei para onde está meu rei defunto e lhe direi quem me mandou após ele.

WARWICK — Aí vem vindo o príncipe.

(*Entra o Rei Henrique quinto.*)

LORDE JUIZ — Bom dia; salve Vossa Majestade!

REI HENRIQUE V — Esse novo vestuário, majestade, não me assenta tão bem como o julgais. Irmãos, revelais medo em vosso luto; isto é terra de ingleses, não de turcos; Amurat não sucede a outro Amurat, mas Henrique a outro Henrique. Aliás, é justo que reveleis tristeza; isso

vos orna. Tal realeza revela o vosso luto, que eu vou adotar a moda e carregá-lo no imo do coração. Sede, pois, tristes; mas considerai isso, irmãos queridos, como um fardo comum que nos oprime. Enquanto a mim, por Deus, ficai tranqüilos, pai e irmão quero ser para vós todos. Dai-me amor, que vos livro dos cuidados. Chorai a Henrique morto, como o faço; mas vive o Henrique que vos troca as lágrimas em outras tantas horas de alegria.

LENCASTRE, etc. — Todos nós esperamos isso mesmo de Vossa Majestade.

REI HENRIQUE V — Olhais-me todos estranhamente. (*Ao Lorde Juiz.*) Sobretudo vós. Com certeza sabeis que eu não vos amo.

LORDE JUIZ — Com toda a retidão, não terá Vossa Majestade motivo para odiar-me.

REI HENRIQUE V — Não! Concebe-se que um príncipe de tantas esperanças, como eu, venha a esquecer-se de quanta indignidade lhe causastes? Como! Descomposturas, reprimendas, prender tão rudemente o herdeiro próximo da Inglaterra! É isso pouco? Pode, acaso, ser lavado no Lete e não lembrado?

LORDE JUIZ — Representava eu vosso pai, nessa época; a imagem de sua força em mim se achava. E enquanto eu me afanava no bem

público, a administrar suas leis, Vossa Grandeza se comprazeu em esquecer meu posto, a majestade e a força da Justiça, a figura do rei que em mim se via, chegando a esbofetear-me em plena audiência. Vendo em vós o ofensor de vosso pai, foi que fiz uso enérgico de toda a minha autoridade, a fim de enviar-vos para a prisão. Se o feito é condenável, ora que estais coroado, imaginai um vosso filho a desprezar os vossos decretos, a arrancar da sede augusta vossa justiça, a lei lançar por terra, ou a embotar a espada que assegura vossa paz e sossego. Mais, ainda: a desdenhar a vossa real imagem e rir do que fizer vosso outro corpo. Fazei vosso esse caso; aconselhai-vos com vossos reais conceitos; por instantes sede pai, figurando-vos um filho: ouvi que vosso brio se enxovalha; vede que vossas leis mais temerosas com escárnio são tratadas; contemplai-vos desprezado a esse ponto por um filho, e imaginai-me, então, de vosso lado, para, com a vossa força e sem violência, impor a vosso filho que se cale. Pós esse frio exame, sentenciai-me. Já que sois rei, falai-me como rei: que fiz, em desacordo com meu posto, minha pessoa, ou a própria dignidade, e a nobreza do meu real soberano?

REI HENRIQUE V — Tendes razão, Juiz; é com eqüidade que pesais isso tudo; conservai, pois, a espada e a balança. Só desejo que vossas honras cresçam té que a vida vos chegue, para

verdes que meu filho vos ofende e obedece como o fiz. Possa eu também viver para as palavras repetir de meu pai: “Feliz me julgo por ter um servidor de tanta têmpera, que se atreve a julgar meu próprio filho, e não menos feliz por ter um filho que assim entrega sua grandeza ao braço da Justiça”. Pusestes-me em custódia; por isso, em mãos vos ponho, agora, a espada sem mancha que a levar-vos afizestes, com a recomendação de que a useis sempre com o mesmo espírito imparcial e justo que usastes contra mim. Eis minha mão; pai ides ser da minha mocidade; só dirá minha voz o que disserdes; sujeitarei, humilde, os meus intentos à vossa direção sábia e sensata. Vós, ó príncipes, crede no que eu digo: zangado foi meu pai para o sepulcro; meus erros lá com ele ora se encontram; seu espírito austero em mim revive para burlar a expectação do mundo, zombar das profecias e o consenso carcomido apagar que me condena pela aparência. Até hoje a maré cheia do meu sangue derrama só vaidades; ora reflui e para o mar retorna, porque com as ondas todas se misture, reassumindo a consueta majestade. Convoquemos agora o Parlamento, e escolhamos tais membros do Conselho, que possa equiparar-se o grande corpo do nosso Estado às mais bem governadas nações do mundo. A paz e a guerra, ou ambas, daqui por diante devem ser-nos coisas familiares, (*Ao Lorde Juiz.*) nas quais, pai, heis de

sempre manter a preeminência. Como o disse, depois da coroação convocaremos nossos Estados todos; e no caso de ser-me Deus propício, jamais súdito lhe pedirá, por falta de alegria, que encurte a feliz vida de Harry um dia.

(*Saem.*)

CENA III

Gloucestershire. Jardim da casa de Shallow. Entram Falstaff, Shallow, Silêncio, Bardolfo, o pajem e Davy.

SHALLOW — Não; ireis agora ver a minha horta, onde, debaixo do caramanchão, haveis de comer uma maçã raineta do último ano, enxertada por mim, com um prato de doces e outras guloseimas. Vamos, primo Silêncio; depois, para o leito.

FALSTAFF — Por Deus! Tendes uma ótima residência e terras ricas.

SHALLOW — Estéril, estéril, estéril; somos todos mendigos, Sir John; somos mendigos. Realmente, os ares são bons. Põe a mesa, Davy; põe a mesa, Davy; muito bem, Davy.

FALSTAFF — Esse Davy vos presta bons serviços; é criado e trabalhador do campo ao mesmo tempo.

SHALLOW — Um bom criado, bom criado, excelente criado, Sir John. Pela Santa Missa! Bebi demasiado na ceia. Agora sentai-vos, agora sentai-vos. Vinde, primo.

SILÊNCIO — Caramba! Como se diz, só faremos, só faremos comer e viver ledos, agradecendo a Deus os anos cheios; a carne está barata, as fêmeas caras, e os rapazes rondando em galanteios, alegremente, sim, muito alegremente!

FALSTAFF — Isso é que se chama coração alegre! Bom mestre Silêncio, vou beber desta vez à vossa saúde.

SHALLOW — Vinho .a mestre Bardolfo! Vamos, Davy!

DAVY — Caro senhor, sentai-vos. Voltarei neste instante. Sentai-vos, caríssimo senhor. Mestre pajem, meu bom mestre pajem, sentai-vos. Toque! O que vos falta em carne, teremos em bebida; mas haveis de desculpar; a boa intenção vale tudo.

(*Sai.*)

SHALLOW — Alegria, mestre Bardolfo! E o meu pequeno soldado ali, alegria!

SILÊNCIO — Alegria! A mulher que se amofine. Nenhuma escapa; todas fazem mal;

onde há só barba, encontra-se a alegria. Que venha o carnaval! Alegria! alegria!

FALSTAFF — Não sabia que mestre Silêncio era tão folgazão.

SILÊNCIO — Quem, eu? Em toda a vida, só fiquei alegre uma ou duas vezes.

(*Volta Davy.*)

DAVY — Aqui está um prato de maçãs de casca dura.

(*Pondo-as diante de Bardolfo.*)

SHALLOW — Davy!

DAVY — Vossa Excelência! (*A Bardolfo.*) Voltarei neste momento. Um copo de vinho, senhor?

SILÊNCIO — Bebida fina que manais da vinha, quero saudar a amada que ainda é minha. E alegre a vida inteira!

FALSTAFF — Muito bem, mestre Silêncio.

SILÊNCIO — E preciso que nos alegremos; estamos no melhor trecho da noite.

FALSTAFF — Saúde e vida longa, mestre Silêncio.

SILÊNCIO — Ponde o copo até à borda; hei de esvaziá-lo, muito embora a uma milha esteja o fundo.

SHALLOW — Bem-vindo, mestre Bardolfo; se precisares de alguma coisa e não pedires, então vai para os quintos. (*Ao pajem.*) Bem-vindo, garotinho, muito bem-vindo. Bebo à saúde de mestre Bardolfo e de todos os cavaleiros de Londres.

DAVY — Espero ainda conhecer Londres antes de morrer.

BARDOLFO — Se eu te pegasse lá, Davy...

SHALLOW — Pela Santa Missa! Ainda haveis de beber juntos um quartilho, eh! Não é verdade, mestre Bardolfo?

BARDOLFO — Sim, senhor; um jarro de duas canadas.

SHALLOW — Com a breca! Muito obrigado; o rapaz vai grudar-se em ti, posso asseverá-lo; não te largará; é de bom sangue.

BARDOLFO — Eu também grudarei nele, senhor.

SHALLOW — Isso é que se chama falar como rei. Nada de cerimônias; alegrai-vos. (*Batem.*) Vê quem está à porta.

(*Sai Davy.*)

FALSTAFF (*a Silêncio, que esvazia um copázio*) — Agora, sim, jogais com as minhas armas.

SILÊNCIO — Dai-me essas armas, dai-me armadura... Samingo! Não é assim?

FALSTAFF — Isso mesmo.

SILÊNCIO — Isso mesmo? Como vedes, os velhos ainda servem para alguma coisa.

(*Volta Davy.*)

DAVY — Com licença de Vossa Senhoria, encontra-se aí um tal Pistola, que acaba de chegar da corte com novidades.

FALSTAFF — Da corte? Manda-o entrar.

(*Entra Pistola.*)

Então, Pistola?

PISTOLA — Deus vos guarde, Sir John.

FALSTAFF — Que vento vos trouxe para estes lados, Pistola?

PISTOLA — Não foi o vento mau que nunca sopra coisa boa. Meu doce cavaleiro,

presentemente és um dos maiores homens do reino.

SILÊNCIO — Por Nossa Senhora! Também concordo, mas depois do compadre Puff de Barson.

PISTOLA — Puff! Puff em teu dente, baixo e vil covarde! Sir John, o teu Pistola e amigo certo até aqui sem parar tem cavalgado, para trazer notícia alvissareira, tempos áureos e novas de alto preço.

FALSTAFF — Peço-te, então, que mas contes, no estilo de gente deste mundo.

PISTOLA — O diabo leve o mundo e a gente dele! Que o rei Cofétua saiba o que se passa.

SILÊNCIO (*canta*) — E Robin Hood, Scarlet e João.

PISTOLA — Os vira-latas contra os filhos de Hélicon? Zombadas as notícias de tal monta? Nesse caso, Pistola, deita a fronte no regaço das Fúrias.

SHALLOW — Honesto gentil-homem, não entendo os vossos modos.

PISTOLA — Então, ide chorar.

SHALLOW — Perdão, senhor; mas se trazeis novas da corte, penso que só há dois caminhos: dizê-las, ou calar. Desfruto de alguma autoridade, senhor, junto ao rei.

PISTOLA — De que rei, vagabundo? Fala ou morre!

SHALLOW — Junto do rei Henrique.

PISTOLA — Quarto ou quinto?

SHALLOW — Henrique quarto.

PISTOLA — Ao diabo o teu ofício! Sir John, o teu cordeiro está coroado: Henrique quinto é o homem! Falo certo. Se Pistola mentir, faze-lhe figa como o orgulhoso hispano.

FALSTAFF — Como! Morreu o velho rei?

PISTOLA — Como prego na porta. Falo certo.

FALSTAFF — Toca, Bardolfo! Encilha-me o cavalo. Mestre Roberto Shallow, escolhe no reino o emprego que quiseres, que teu será. Pistola, vou carregar-te com dupla carga de dignidades.

BARDOLFO — Ó dia alegre! Não troco a minha sorte por um título.

PISTOLA — Não são boas as novas?

FALSTAFF — Levai mestre Silêncio para a cama. Mestre Shallow, milorde Shallow, sê o que te aprouver, que eu me encontro agora no posto de mordomo da Fortuna. Vai calçar as botinas; teremos de galopar a noite toda. Ó, doce Pistola! Toca, Bardolfo! (*Sai Bardolfo.*) Vem para cá, Pistola, conta-me mais alguma coisa, enquanto pensas no que possa convir-te. As botas, as botas, mestre Shallow; tenho certeza de que o moço rei está doente por ver-me. Tomemos os cavalos sejam lá de quem forem; as leis da Inglaterra agora se encontram à minha disposição. Felizes dos que se mostraram meus amigos, e ai do milorde Juiz! PISTOLA — Que os bofes lhe devorem vis abutres! “Onde está a vida que eu levava?” dizem; pois bem: ela está aqui. Viva a folia!

(*Saem.*)

CENA IV

Londres. Uma rua. Entram dois beleguins, arrastando a mistress Quickly e Doll Team-sheet.

ESTALAJADEIRA — Não, velhaco de uma figa! Quisera que Deus me matasse, para que fosses parar na forca; arrancaste-me do lugar o ombro.

PRIMEIRO BELEGUIM — O oficial de paz ma entregou, e agora ela vai apanhar uma sova de mestre, é só o que eu digo. Ultimamente mataram um ou dois homens por causa dela.

DOLL — É mentira, gancho de apanhar nozes! Eu só te digo uma coisa, maldito velhaco com cara de tripa: se o filho que eu trago no ventre nascer antes do tempo, fora melhor para ti bater em tua própria mãe, vilão de cara de papel.

ESTALAJADEIRA — Oh, Senhor! Se Sir John aqui estivesse! Muita gente havia de ter um dia cheio de sangue. Só peço a Deus que o fruto de suas entranhas nasça antes do tempo.

PRIMEIRO BELEGUIM — Se tal acontecesse, teríeis de usar novamente doze almofadas, em lugar das onze que ora levais. Vamos! Ambas estão intimadas a acompanhar-me, por ter morrido o homem em quem destes uma surra juntamente com Pistola.

DOLL — Vou dizer-te uma coisa, figura mirrada de braseiro: por causa disto ainda hás de ser balouçado em regra, mosca azul de uma figa! Se não levares uma boa coça, deixarei de usar o meu saiote.

PRIMEIRO BELEGUIM — Vamos, cavaleira errante; toca a andar!

ESTALAJADEIRA — Oh! que o direito se sobreponha desse modo à força! Está bem; depois do sofrimento virá a alegria.

DOLL — Vamos, vilão; vamos; leva-me à presença do juiz.

ESTALAJADEIRA — Sim, vamos, sabujo faminto.

DOLL — Compadre esqueleto! É ver a Morte!

ESTALAJADEIRA — Tu, esqueleto! Tu!

DOLL — Vamos, coisa fina! Vamos, velhaco!

PRIMEIRO BELEGUIM — Muito bem.

(*Saem.*)

CENA V

Praça pública, perto da abadia de Westminster. Entram dois criados, espalhando junco.

PRIMEIRO CRIADO — Mais junco: mais junco.

SEGUNDO CRIADO — As trombetas já soaram duas vezes.

PRIMEIRO CRIADO — Eles não virão da coroação antes das duas; despachemo-nos logo.

(*Entram Falstaff, Shallow, Pistola, Bardolfo e o pajem.*)

FALSTAFF — Ficai perto de mim, mestre Roberto Shallow; farei que o rei vos distinga com a sua graça. Quando ele passar, hei de piscar-lhe deste jeito; prestai atenção na cara que ele vai fazer-me.

PISTOLA — Deus te abençoe os pulmões, bom cavaleiro.

FALSTAFF — Vem para cá, Pistola; fica por trás de mim. Oh! se eu tivesse tido tempo de mandar fazer uma libré nova, teria gasto as mil libras que vos pedi emprestado. Pouco importa; é melhor assim mesmo, com esta aparência pobre; desse modo dou provas da minha diligência em revê-lo.

SHALLOW — Realmente.

FALSTAFF — É a prova da sinceridade de minha afeição.

SHALLOW — Perfeitamente.

FALSTAFF — Da devoção que lhe consagro.

SHALLOW — Com efeito, com efeito, com efeito.

FALSTAFF — Cavalgar, desse jeito, noite e dia, sem pensar em mais nada, sem me lembrar de nada, sem paciência até para trocar de roupa...

SHALLOW — É muito certo.

FALSTAFF — Postar-me aqui, ainda com as marcas da viagem, suando só de impaciência de revê-lo; sem pensar em outra coisa, olvidando-me de todos os outros assuntos, como se só importasse vê-lo de novo.

PISTOLA — É semper idem, porque absque hoc nihil est. É assim em toda parte.

SHALLOW — Assim é, realmente.

PISTOLA — Meu nobre cavaleiro, vou inflamar-te o peito generoso e fazer-te raivar. A tua Doll, a Helena dos teus sonhos se acha num duro transe e infecto cárcere, lançada ali por desprezíveis mãos e em tudo imundas. Desperta do antro de ébano a serpente vingadora de Alecto, porque Doll se acha no pau. Pistola nunca mente.

FALSTAFF — Hei de libertá-la.

(*Ouvem-se aclamações e toques de trombeta.*)

PISTOLA — Muge o mar; a trombeta alegre soa!

(*Entra o Rei Henrique V com o séqüito, no qual se vê o Lorde juiz.*)

FALSTAFF — Deus salve tua graça, rei Hal, meu real Hal!

PISTOLA — Os céus te guardem e te preservem, augusto garfo da Fama!

FALSTAFF — Deus te proteja, meu doce menino.

REI HENRIQUE V — Falai a esse homem vão, Lorde Juiz.

LORDE JUIZ — Sabeis o que dizeis? Estais no juízo?

FALSTAFF — Meu rei, meu Jove! É a ti que eu falo, amor!

REI HENRIQUE V — Não te conheço, velho; vai rezar. Como vão mal as cãs num galhofeiro! Muito tempo sonhei com um homem destes, profano e velho, inchado pela orgia; mas, desperto, renego do meu sonho. Diminui o teu corpo, aumenta a graça, deixa a gula; compreende que o sepulcro vai abrir para ti boca três vezes maior que para os outros. Não repliques com uma dessas chalaças de bufão; não presumas que eu seja o que já fui, pois Deus bem sabe — e o mundo há de notá-lo — que me livrei de minha antiga forma e outro tanto farei com os companheiros. Quando ouvires dizer que eu sou o que fui, volta para tornares-te o que foste: tutor e incitador dos meus excessos. Mas até lá, desterro-te, sob pena de morte, como fiz com os outros todos que me descaminhavam, não deixando que a dez milhas de mim eles estejam. Quanto aos meios de vida, vou prover-vos, porque ao mal a carência não vos leve; e se virmos que vos regenerastes, dar-vos-emos emprego na medida do vosso esforço e mérito. Incumbi-vos, milorde de dar corpo a nossas ordens.

(*Saem o Rei Henrique e o séquito.*)

FALSTAFF — Mestre Shallow, devo-vos mil libras.

SHALLOW — Perfeitamente, Sir John; e eu vos peço que me deixeis levá-las para casa.

FALSTAFF — Será muito difícil, mestre Shallow; mas não vos amofineis: hei de ser chamado em particular para falar-lhe. Vede bem, é preciso que para o mundo ele apareça assim. Não temais pela quantia que me adiantastes; ainda hei de ser o homem que vos tornará grande.

SHALLOW — Não atino como possa ser isso, a menos que me désseis vosso gibão e me enchêsseis de palha. Meu bom Sir John, por compaixão, das mil entregai-me quinhentas.

FALSTAFF — Cavalheiro, hei de manter a minha palavra; tudo o que ouvistes, não passa de simples cor.

SHALLOW — Só receio que venhais a morrer dessa cor, Sir John.

FALSTAFF — Não temais as cores; vinde cear comigo. Vamos, tenente Pistola; vamos, Bardolfo; serei chamado antes da noite.

(*Voltam João de Lencastre e o Lorde juiz, com oficiais.*)

LORDE JUIZ — Vamos, conduzi logo para a armada Sir John Falstaff e seus comparsas todos.

FALSTAFF — Milorde, milorde!

LORDE JUIZ — Não posso agora; ouvir-vos-ei depois. Levai-os.

PISTOLA — Si Fortuna me tormenta, espero contenta.

(*Saem Falstaff, Shallow, Pistola, Bardolfo, o pajem e oficiais.*)

LENCASTRE — Agrada-me esse gesto do monarca: deseja que os antigos companheiros sejam mui bem tratados; mas desterra a eles todos, até que sua conduta ante o mundo se mostre mais modesta.

LORDE JUIZ — É certo; fez com todos.

LENCASTRE — Milorde, o rei já convocou o Parlamento.

LORDE JUIZ — De fato.

LENCASTRE — Quanto apostais? Desejo dar-vos ansa: nosso brio nativo irá até à França dentro de pouco. Um pássaro mo disse, e essa música ao rei causa ledice. Vamos; não quereis vir?

(*Saem.*)

EPÍLOGO

(*Dito por um dançarino.*)

Primeiro, meu temor; depois minha cortesia; por último, meu discurso. Meu temor é vosso desagrado; minha cortesia, meu dever; e meu discurso, pedir-vos perdão. Se estiverdes esperando um bom discurso, estou perdido, porque o que vou dizer é de minha própria invenção, receando eu muito que o que devo dizer redunde em meu prejuízo. Mas, entremos logo no assunto, confiando na sorte. Sabereis, pois — como bem o sabeis — que já estive aqui no final de uma peça desagradável, para pedir a vossa complacência e prometer outra melhor. Era meu intento, sem dúvida, pagar-vos com esta; mas se for mal sucedida como uma operação infeliz, irei à bancarrota e vós todos, gentis credores, perdereis. Prometi que aqui estaria, e aqui entrego minha pessoa a vossa generosidade. Se fizerdes algum abatimento, pagar-vos-ei alguma coisa, além de apresentar-vos promessas infinitas, no jeito da maioria dos devedores. Se minha língua não conseguir convencer-vos e

obter quitação, mandareis que eu faça uso das pernas? Seria isso um modo muito fácil de pagamento, liquidar a dívida com danças. Mas uma boa consciência deve dar todas as satisfações imagináveis, que é o que eu vou fazer agora. As senhoras aqui presentes já me perdoaram; e se os cavalheiros o não fizerem, é porque não estão de acordo com as senhoras, coisa que nunca se viu em uma reunião como esta. Mais uma palavrinha, por obséquio. Se ainda não estiverdes enjoados de carne gorda, o nosso humilde autor continuará a história, com Sir John dentro, e vos fará rir com a bela Catarina de França, na qual história, tanto quanto posso saber, Falstaff morrerá de suor, a menos que já o tenha matado a vossa opinião severa, porque Oldcastle morreu como mártir, e esse não é nosso homem. Tenho a língua cansada; quando as pernas também o estiverem, dirvos-ei boa noite; e assim me ajoelho diante de todos, mas, de fato para rogar pela rainha.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

_____
Novembro 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com